

SEBASTIÃO ELIAS MILANI



RELATO DA OBRA DE
FERNIDAND DE SAUSSURE



Barra Livros

SEBASTIÃO ELIAS MILANI

RELATO DA OBRA DE
FERDINAND DE SAUSSURE

Rio de Janeiro
Barra Livros
2016

Copyright © 2016 by Sebastião Elias Milani
Todos os direitos reservados à Barra Livros
Proibida a reprodução desta obra, total ou parcialmente, sem
autorização por escrito da Editora

Diagramação e revisão: Anelise Faucz de Alcântara Stechman
Capa: Leandro Pinheiro Felipe
Impresso no Brasil

O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva do autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M585r

Milani, Sebastião Elias

Relato da obra de Ferdinand de Saussure / Sebastião Elias
Milani. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Barra Livros, 2016.
108 p. ; 21 cm

Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-64530-40-9

1. Ferdinand de Saussure, 1857- 1913. 2. Linguística. I.
Título.

16-31157

CDD: 401.41

CDU: 81'42

11/03/2016 11/03/2016

BARRA LIVROS E CURSOS EDITORA LTDA
Av. das Américas, 500 – Bloco 21 – Entrada D – sala 212
Barra da Tijuca - Rio de Janeiro – RJ
Caixa Postal 22.640-904
Tel.: (21) 3253-5099
Site: www.barralivros.com
Email: contato@barralivros.com

DEDICATÓRIA

Aos meus alunos.

Sumário

Dedicatória.....	3
Introdução.....	7
1. Saussure em seu tempo.....	11
2. A obra e a sociedade.....	15
3. A metodologia e os textos.....	33
3.1. O memorial das vogais do indo-europeu: <i>Mémoire</i>	33
3.2. O trabalho sobre o genitivo absoluto em sânscrito: <i>Génitif</i>	38
3.3. Curso de linguística geral: Curso.....	42
4. A sistematização linguística.....	47
4.1. Os temas das aulas.....	47
4.2. A Linguística.....	50
4.3. A Semiologia.....	56
5. Linguagem, língua e fala.....	61
5.1. Linguagem.....	61
5.2. Língua.....	62
5.3. Fala.....	68

6. Escrita.....	71
7. As dicotomias.....	75
7.1. Diacronia e sincronia.....	75
7.2. O signo: significante e significado.....	80
7.3. Eixo sintagmático e eixo paradigmático.....	86
8. Valor linguístico.....	91
9. Mudanças fonéticas.....	97
CONCLUSÃO.....	101
REFERÊNCIAS.....	103

Introdução

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, Suíça, em 1857, onde morreu em 1913. Morou e ensinou em Paris, mas terminou sua carreira em Genebra. Aos quatorze anos, quando parou os estudos de Física para estudar linguagem, largara a tradição familiar e adotara a tradição filológica do século XIX. Mudou-se para Leipzig (Alemanha), o grande centro de estudos sobre linguagem. Da mesma forma que todos os estudiosos da linguagem do século XIX, estudou o sânscrito, do qual seria professor por toda vida. Entre os humanistas daquele século, o conhecimento do indo-europeu e do sânscrito sempre esteve completamente ligado. Terminou o mestrado e o doutorado muito jovem. No mestrado estudara as vogais do indo-europeu e no doutorado o genitivo absoluto em sânscrito, trabalhos que lhe valeram fama internacional.

O *Mémoire*, como é conhecido seu mestrado, seria o último de uma longa sequência de estudos sobre as vogais do indo-europeu, já que depois desse trabalho não se estudou o assunto, como se estivesse resolvido. Como se mostra abaixo nesta obra, Saussure juntou todas as hipóteses formuladas sobre o assunto *vogais do indo-europeu* e sintetizou uma hipótese sua. No doutorado *Genitivo absoluto em sânscrito*, usou a mesma metodologia de pesquisa peculiar a todo o seu trabalho: levantamento de todas as teses e hipóteses já formuladas e, a partir desse conhecimento, realizou uma síntese sobre o assunto.

Sua atitude metodológica seria a mesma quando assumiu o curso de linguística geral do curso de Letras da Universidade de Genebra. Diferentemente de seus trabalhos do mestrado e doutorado, Saussure não publicou seus estudos sobre linguística geral, ou porque não quis, como se tem registrado em cartas: respostas a provocações para que publicasse o curso, ou, talvez, porque morreu muito jovem. Assim, não se pode conhecer, com exatidão, suas fontes para as aulas, somente algumas citadas no *Curso*: Whitney, Bopp, Brugmann etc., que aparecem nas anotações de seus alunos.

Dessa perspectiva, evidentemente, Saussure, quando se propôs a oferecer o Curso de Linguística Geral, do verão de 1907, fez uma retomada de tudo que havia lido sobre linguagem em toda sua vida. A estrutura do livro *Curso de Linguística Geral (CLG)* demonstra sua preocupação em retomar o conhecimento existente: começou com um apanhado histórico, mesmo que mínimo, das ciências dos estudos da linguagem. O CLG que se conhece, é obra dos alunos e não de Saussure, porém, seria injusto dizer que Bally e Sechehaye não foram fiéis às aulas do mestre. Em síntese, não há outra discussão historiográfica sobre os conceitos da linguística a ser feita, a não ser aquela relacionada ao conteúdo veiculado pelo livro *CLG*. Por mais que se critique e refaça, nenhuma outra obra poderá refazer a história dessa ciência para a humanidade.

Evidentemente, o projeto que se desenvolveria em todo o curso está bem definido nessa introdução: a preocupação com a metodologia. Ele tratou o estudo da linguagem nos *Cursos* (1907-1911) não como um projeto de pesquisa, mas como “pano de fundo” de uma pesquisa. As aulas foram desenvolvidas para encontrar a exata posição dos estudos da linguagem tanto formalmente quanto

metodologicamente. A Linguística, em sua opinião, era uma proposta ou uma aspiração. Ele disse que William Dwight Whitney fizera uma tentativa de definição em *The life and growth of language: an outline of Linguistic Science*. Esse ponto de vista vai perpassar todo o curso. Ele propôs mudanças nos nomes dos conceitos, ajustou o objeto, disse o que podia ser estudado e o que não iria estudar. Na verdade, ele ajustou sua metodologia, que o levou a selecionar a língua, definida como a manifestação social da linguagem, como seu objeto. Questão muito difícil, como se discute abaixo.

O CLG é um exercício de selecionar e aplicar elementos de uma metodologia. Na primeira parte, discuti até que ponto as ciências da linguagem até então conheciam seus objetos de estudo. Em seguida, passou a definições de um objeto de estudo para a Linguística, porque assim acreditava estar definindo a própria Linguística, como afirmou: *não pode existir ciência sem objeto de estudo*. Quanto aos conceitos língua, linguagem, fala, signo etc. já existiam nos trabalhos dos estudiosos que o antecederam. O fato é que a metodologia de Saussure o levaria a conceituá-los de maneira diferenciada. Seu *Curso*, desse ponto de vista, consistiu em organizar os conceitos e torná-los precisos, para estudar a língua como instituição coletiva. Assim, estabeleceu, com precisão, o que era a Linguística, qual deveria ser o seu papel na sociedade e a quais outras ciências ela estaria ligada.

Quis desenvolver o interesse pela pesquisa linguística e descreveu as metodologias e ajustou para que se afastassem do empírico e se tornassem tecnicamente racionais. Trocou os termos metalinguísticos usados para falar sobre a língua por outros. Aqueles encontrados em seus antecessores, carregados de significação descritiva,

substituiu por termos independentes e com significação arbitrária. Quando se pensa sua obra por essa perspectiva, percebe-se claramente sua insatisfação com o exercício da pesquisa em linguística. Criticou duramente seus antecessores, por desconhecimento do objeto de estudo, pelas metodologias empregadas, sobretudo, pela falta de precisão nos resultados. A sua terminologia fazia com que o estudioso conseguisse certo distanciamento do objeto, ou seja, transformava a língua em objeto. A impressão é a de estar fora do objeto-língua, olhando para ela. Constatar isso fica fácil, tanto no texto de Bally e Sechehaye (1916), como na edição crítica de Rudolf Engler (1969).

1. Saussure em seu tempo

O modo de trabalhar de Ferdinand de Saussure impressiona pela disposição física e mental e pela capacidade de acumular informações. Saussure é muito conhecido na atualidade pelo resultado dos cursos de verão que ofereceu nos últimos anos de sua carreira e vida, na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra. Mas o trabalho linguístico de Saussure começou muito antes do desenvolvimento dos conceitos registrados no livro “Curso de Linguística Geral” [*Cours de linguistique générale*], publicação de 1916 organizada por Bally e Sechehaye. Esse texto, que foi transcrito das aulas dadas nos verões de 1907 a 1911, é o resultado final do trabalho filológico que ele desenvolveu durante sua vida acadêmica.

Saussure era um leitor extraordinário, com uma disposição para o trabalho muito além do que se poderia chamar de dedicação: sua maneira de trabalhar era, por assim dizer, obsessiva, isso que pode ser verificado em sua morte prematura, causada por doenças que atualmente são consideradas com fundamentação no estresse: infecções generalizadas, inclusive cegueira. A riqueza de detalhes e a profundidade das informações revelam que levou ao extremo da perfeição sua metodologia de trabalho, que, infelizmente, não deixou publicada enquanto metodologia, o que obriga aqueles que queiram entender seu método de estudo a fazer uso de conjecturas e deduções.

Deve-se destacar no *Curso* uma consciente perspectiva de implantar nos estudos linguísticos um

modelo metodológico que previsse uma organização absoluta e um objeto de estudo claro. Para ele, sem uma visão clara daquilo que devia ser estudado não poderia haver ciência, e sua dedicação aos estudos demonstra que foi essa a metodologia por ele praticada.

É claro que Saussure encontrava em seu meio de estudo modelos metodológicos que o inspiravam a ser preciso e exato. Além de todos os estudos que precedem o seu na história dos estudos da linguagem, conhecia em sua família vários cientistas, que certamente o orientaram nesse sentido. No entanto, é preciso pensar no momento histórico em que viveu. O período da segunda metade do século XIX foi quando a Europa e o mundo ocidental sofreram a mais profunda transformação do ponto de vista social: a explosão demográfica, a industrialização e, com ela, o crescimento das cidades, a mecanização dos transportes etc. Fatores que obrigaram e motivaram a humanidade a acelerar o repensar da organização de tudo aquilo que estava a sua volta. Nessa reorganização, sempre de um ponto de vista prático, tudo era voltado para o bem-estar coletivo. Emile Durkheim explicava, nesse período, que a sociedade se impunha aos indivíduos, e as ideias e os comportamentos dos indivíduos estavam gestadas no seio da estrutura da sociedade.

Sendo hoje incontestável, porém, que a maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se; eis tudo o que significa nossa definição. Sabe-se, aliás, que nem toda coerção social exclui necessariamente a personalidade individual (DURKHEIM, 1995, p. 4).

Foi nessa perspectiva que Saussure desenvolveu seu trabalho científico. Ele buscava uma racionalização do modelo de estudo linguístico como fórmula de tornar mais eficiente e útil aquilo que fazia. Seu trabalho foi fazer do estudo da língua uma ciência de uso prático para a coletividade. Portanto, deve-se entender a divisão de seus conceitos como um reflexo da sociedade em que vivia.

Nenhum ser humano do período poderia dizer que conhecia todos os elementos que compunham aquela sociedade. É certo que isso não era possível nem mesmo nas organizações medievais, que eram comparativamente muito simples. Mas a sociedade, durante o século XIX, ganhou um desenvolvimento tão grande em todos os sentidos, principalmente no modo de aglomeração e organização dos grupos, que todo tipo de relacionamento entre os indivíduos e com o mundo foi modificado. A organização urbana tornou a vida do grupo infinitamente mais complexa. Além disso, o contato muito mais frequente entre as pessoas tornava os relacionamentos muito mais complexos, e um só indivíduo deixou de ser tão importante, não importando sua posição social. Assim, em meios sociais dessa natureza, todos os indivíduos são insignificantes em contraposição à coletividade.

Nessa relação entre indivíduo e sociedade está a explicação para a sistematização linguística de Saussure. A linguagem é uma capacidade inata de aprender língua. A língua é uma instituição concreta da coletividade, e a fala ou o discurso é a materialização individual da língua. A língua reflete a sistematização cultural da sociedade e a fala é a atuação linguística do indivíduo. Se essa divisão for transportada para a organização social urbana do final do século, o que se mostra é a coletividade (Estado, Nação, Cidade) com suas necessidades impondo-se às resoluções

dos problemas. O indivíduo era tão somente parte dessa coletividade, para quem se deve olhar quando se quiser saber se a sociedade é ou não eficiente.

2. A obra e a sociedade

Para entender a razão dos fatos da obra de Ferdinand de Saussure é preciso ter em mente os elementos que compunham a sociedade em que viveu. A Europa apresentou um rápido desenvolvimento, sob todos os aspectos, durante o século XIX. Esse desenvolvimento modificou de tal forma os aspectos humanos e naturais que tudo o que se referia à sobrevivência do ser humano e da natureza apresentava aspectos completamente diferentes entre o início e o fim do século. A grande responsável por essas mudanças foi, sem dúvida, a ciência, não só como um fato que compunha a sociedade, mas ela saiu do século XVIII da condição de ocupação de “malucos”, como bem demonstra Robert Darnton em *O lado oculto da Revolução* e como narrou E. T. A. Hoffmann em seus contos fantásticos, e, paulatinamente, chegou a orientar os rumos da humanidade no final do século XIX.

Foi a ciência que arrancou a clausura e a ignorância do seio da sociedade. Dessa forma, a ação da ciência mudou completamente a perspectiva do papel social do cientista e mudou também completamente a perspectiva do papel do indivíduo e cidadão, porque modificou os parâmetros da relação entre indivíduo e sociedade. É preciso não perder de vista que Saussure é, por assim dizer, o resultado final da evolução de um campo científico, o do estudo histórico comparatista.

A partir da segunda metade do século XIX, o efeito da ciência na sociedade pode ser medido pela evolução dos

transportes, da indústria e, como consequência, das cidades. Assim, no início do século, a situação do indivíduo na sociedade era de, finalmente, conquistar um espaço moral e político. No final do século, a situação é outra, a sociedade já deixou de ser predominantemente rural, e as cidades geravam os recursos e ditavam as regras da convivência e da sobrevivência. No final do século, portanto, a coletividade predominava e detinha todo o poder. Ela detinha os recursos, principalmente o conhecimento. Desse modo, cabia ao indivíduo integrar-se com os outros indivíduos para formar parceria, ou seja, integrar-se na coletividade para sobreviver.

Dessa forma, a ação do indivíduo perante a sociedade não era a de dominante, mas de dominado. A coletividade predominava em todos os aspectos, na medida em que precisava proteger o grupo e não a um só indivíduo. Essa sociedade foi o espaço em que a história de Ferdinand de Saussure se desenvolveu. Numa comparação simples e direta, em seus conceitos, a língua tem uma posição superior e predominante, representa a sociedade e o sistema, e a fala representa o indivíduo e sua ação.

Pode-se descrever o conceito de língua em Saussure, conforme citação abaixo, como uma instituição coletiva que está distribuída para todos os falantes. Ela é um todo, distribuída inteira para cada um de seus falantes. A língua representa a coletividade, ela é, enquanto fórmula, a própria coletividade, e o indivíduo é parte integrada nela, do mesmo modo que é uma parte da sociedade. O indivíduo é responsável somente por sua ação, tanto no tocante à sua vida em sociedade, quanto à materialização da língua em sua fala. Logo, linguisticamente, o indivíduo é responsável somente por sua fala. O indivíduo se integra à língua quando a usa como fala, e só está integrado ao contexto linguístico

da sociedade em que vive quando tiver aprendido a língua dessa sociedade.

Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos. / Qual a origem dessa cristalização social? Qual das partes de circuito pode estar em causa? Pois é bem provável que todos não tomem parte nela de igual modo. A parte física pode ser posta de lado desde logo. Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas devido à nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social. A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (*parole*). Pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos. De que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante? Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos,

atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. A língua não constitui, pois função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação (...). A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (*CURSO*, 1995, p. 21-22).

A ação do indivíduo na língua é limitada, porque a fala não é predominante. Mas a língua não existe sem a fala, como a sociedade não existe sem o indivíduo. Desse modo, o indivíduo pode agir na língua de sua coletividade com contribuições de sua fala. Ele, no entanto, só contribuirá

para a língua naquilo que os outros membros de sua coletividade, ou a própria sociedade, aceitarem e incorporarem de seu estilo.

A língua, objeto único dos estudos linguísticos, é o produto social da capacidade de linguagem humana. Isso significa que a língua é uma forma concretizada da capacidade que caracteriza os seres humanos, que é a linguagem. A língua é formada no interior da coletividade como forma estabelecida e aceita por seus participantes. O acordo linguístico entre os indivíduos é produzido pela necessidade de comunicação que caracteriza qualquer ser humano.

Mas os conceitos linguísticos desenvolvidos por Saussure surgiram de leituras que ele fez em outros estudiosos. Sua contribuição mais significativa para a Linguística não está em suas dicotomias ou na descrição precisa que fez das vogais do indo-europeu. É muito mais significativa que isso a própria definição da Linguística enquanto ciência. Ele a tornou uma ciência com parâmetros exatos. É preciso dizer que ela já existia, mas estava misturada a outras ciências, confundida com elas. Saussure explicou que isso acontecia porque o objeto de estudo dessas ciências, sobretudo a Psicologia e a Sociologia, alcançava os elementos da linguagem, mais especificamente a língua.

Seria tarefa da Linguística, antes de tudo, conhecer a si mesma. Essa afirmação faz referência ao modo de Saussure pensar o conceito de ciência: uma metodologia clara, voltada para um campo de estudo completamente definido. Essa certamente foi a maior das lições de seu trabalho para seus discípulos, pois significava quais eram as atitudes científicas que deveriam assumir.

Dessarte (...) em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da linguística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências — Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. —, que separamos claramente da Linguística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito (*CURSO*, 1995, p. 16-17).

Para essa empreitada, a de conhecer os elementos exatos da linguística geral, a ciência Linguística deveria estudar e conhecer descritiva e historicamente todas as línguas. Está escrito no texto de Bally e Sechehaye que a

ciência Linguística deveria estudar a história de todas as famílias de línguas. Saussure propôs que é pela comparação que se chegaria ao esclarecimento das regras que entram em movimento em cada uma das línguas em particular. Esse vislumbre mostraria o que seria comum a todas as línguas e o que caracteriza uma e outra. Evidentemente, assim seria construída uma lógica para as línguas e uma lógica para a língua; cada língua seria localizada num espaço tipológico determinado e específico. No decorrer de seu curso, concretizou essa teoria, distinguindo nitidamente uma gramática das línguas e a compreensão de que cada língua é um caso particular.

Saussure propôs a Linguística como o estudo da língua, porque ela é passível de uma definição concreta. Mas a definição de língua esbarra em diversas dificuldades que implicariam numa diferenciação de pontos de vista, tornando o objeto de estudo em questão uma série de possibilidades de estudo. Para ter a língua como objeto de estudo, era preciso separar com precisão o que cabia ao linguista compreender, sem misturá-lo com visões psicológicas, filosóficas, sociológicas etc. porque essas ciências, apesar de terem objetos de estudo distintos, também poderiam reivindicar a língua como parte de seus estudos.

Tanto a Psicologia como a Sociologia influenciaram os estudos de Saussure. Ambas eram nascentes, compunham o mesmo movimento de desenvolvimento das ciências que caracterizou o final do século XIX, no qual também a Linguística alcançou sua definição mais precisa. Sobretudo a Sociologia, amadurecida por Émile Durkheim, influenciou os conceitos linguísticos desenvolvidos por Saussure. Não é difícil encontrar uma forte relação entre a definição de fato social em Durkheim e de língua em Saussure, mesmo não

existindo uma relação direta entre os dois. Porém, entre os dois, existiam muitos amigos ou colegas influentes: Antoine Meillet e Gabriel de Tarde são os mais citados.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para admitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (*CURSO*, 1995, p. 17).

É importante anotar que a Linguística foi definitivamente definida por Saussure, não por acaso. Além de todos os estudos linguísticos que o precederam, de natureza metodológica muito variada, no final do século XIX respirava-se e transpirava-se a cientificidade. Essa onda social de reorganização do mundo através do exercício e da reflexão científica criou um movimento que atingiu tudo no mundo. Esse movimento de tão intenso ficou conhecido como Cientificismo, tanto para representar o engajamento da humanidade nas ciências como para debochar do excesso de explicações e indagações.

Então, Saussure parece ter verdadeira obsessão por ver aplicada aos estudos linguísticos uma metodologia clara, não por ser mais interessado que os outros, mas por conviver de modo direto e conhecer claramente o movimento, que atingia a todos, de aperfeiçoamento do modelo científico existente. Ele retomou o tema da definição do objeto de estudo e da metodologia aplicável à Linguística, e nisso foi brilhante, identificou com precisão qual o objeto de estudo e qual a melhor forma de estudá-lo.

Saussure afirmou que em seu tempo não havia mais espaço na ciência para especulações transcendentais. O Transcendentalismo foi um movimento que dominou a poesia na Alemanha no século XIX. Dessa constatação pode-se inferir que Saussure estava se referindo aos estudos sobre a linguagem desenvolvidos, sobretudo em Leipzig, pela Gramática Comparada e a Neogramática.

Aplicar-se a tais questões não é uma temeridade, como se diz frequentemente: é uma necessidade, é a primeira escola por onde é preciso passar; pois se trata aqui, não de especulações de uma ordem transcendente, mas da procura de dados elementares, sem os quais tudo flutua, tudo é arbitrário e incerto (*MÉMOIRE*, 1922, p. 3).

Esse Transcendentalismo, que Saussure criticava, é claro, significa as escolas literárias e científicas idealistas derivadas da filosofia crítica de Immanuel Kant (1724-1804), desenvolvidas na Alemanha e, mais amplamente, na Europa, bem como a escola transcendental norte-americana, da qual William D. Whitney fez parte. Tal argumentação de

Saussure se refere a sua compreensão de que todo o sistema da língua se constitui por formas concretas. Em síntese, não haveria espaço para nenhuma metafísica na instituição língua, ela seria uma obra de uma coletividade humana.

Estava fazendo uma crítica a seus antecessores, não só quanto a seus idealismos e até fantasias sobre a linguagem, mas principalmente quanto à metodologia que aplicavam em seus estudos. Essa crítica aparece no *De l'emploi du Génitif absolu en sanscrit* e no “Curso de linguística geral”, conforme citação abaixo, porém é bastante evidente no *Mémoire sur le système primitif des voyelles des langues indo-européennes*, em que levantou dados sobre os estudos sobre as vogais do indo-europeu e o comparatismo e criticou cada um dos estudiosos quanto à forma de apresentar esses dados e, sobretudo, a falta de precisão.

Um primeiro impulso foi dado pelo norte-americano Whitney, autor de “A Vida da Linguagem” (1875). Logo após se formou uma nova escola, a dos neogramáticos (Junggrammatiker), cujos fundadores eram todos alemães: K. Brugmann, H. Osthoff, os germanistas W. Braune, E. Sievers, H. Paul, o eslavista Leskien etc. Seu mérito consistiu em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e

insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática Comparada. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução (*CURSO*, 1995, p. 11-12).

No “Curso de linguística geral”, fez um pequeno resumo crítico de todas as correntes de estudos da linguagem desde a era clássica. Seu objetivo era demonstrar que nenhuma dessas correntes tinha trabalhado com o objeto verdadeiro e único dos estudos linguísticos, que Saussure definiria como sendo a língua. Ele estabeleceu uma sequência de três fases sucessivas desses estudos sobre a linguagem.

Começou-se por fazer o que se chamava de Gramática. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; (...) A seguir, apareceu a Filologia. Já em Alexandria havia uma escola filológica, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. (...) O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da “Gramática

Comparada”. Em 1816, numa obra intitulada “Sistema da conjugação do Sânscrito”, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. (...) foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornarem-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito. (...) Por fim, entre os últimos representantes dessa escola, merecem citação particular Max Muller, Georges Curtius e August Schleicher. (...) A linguística propriamente dita, que deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe, nasceu do estudo das línguas germânicas. Os estudos românicos inaugurados por Diez — sua “Gramática das Línguas Românicas” datada de 1836-1838 —, contribuíram particularmente para aproximar a Linguística do seu verdadeiro objeto (*CURSO*, 1995, p. 6-11, *passim*).

Quanto a Whitney, sua principal fonte de pesquisa no tocante à teoria da linguagem, Saussure não aceitava sua base metodológica: acusou-o de empírico demais.

É de ficar admirado que um homem como Whitney, que desde o primeiro instante de atividade científica, e bem antes que qualquer escola sonhasse em se apoderar deste achado, não tivesse nem

mesmo imaginado que o estudo da linguagem possa prosseguir sobre uma base diferente da observação dos fatos atuais (SAUSSURE, notas manuscritas).

De qualquer forma, o que se pode dizer com segurança é que Saussure tinha uma visão muito firme quanto à necessidade de empregar uma metodologia clara, bem como de certificar que os dados apresentados fossem extremamente corretos. Estava consciente do momento crucial para a construção do verdadeiro campo de estudo para a Linguística. Buscava acima de tudo encontrar os diversos caminhos que aquela ciência teria para percorrer daquele instante em diante para realizar em definitivo a compreensão do que seria verdadeiramente a língua. Ele estava criando o universo de estudos linguísticos, não no sentido de que ele nunca tivesse existido, mas no sentido de convidar a ser exato, a não ser mais apenas empírico: acima de tudo, a construir um processo de estudo que fosse tão concreto quanto era o objeto a ser estudado.

Portanto, é mais realista dizer que Saussure se preocupou tanto com o processo de construção do objeto quanto com o objeto em si mesmo – ou seja: muitos dos conceitos sobre a língua e a linguagem estavam descritos nos estudiosos que o precederam, dispersos, porque nenhum tinha sido capaz de engendrar nesses conceitos, com clareza, o modo como chegar à prova concreta. Saussure fez a consolidação da ciência Linguística: definiu, no início do curso, seu objeto e suas fontes, e depois fez a análise desse objeto, que é a língua: “O curso tratará da linguística propriamente dita, e não da língua e da linguagem.”

Essa forma de pensar pode ser explicada pelo movimento de cientificidade que dominava a sociedade, mas o Cientificismo era só mais um detalhe dentre os que compuseram o universo social do final do século XIX. Toda a sociedade desse período estava plena de detalhes que arrastavam o pensamento e os sentimentos dos indivíduos para uma racionalidade profunda sobre todas as coisas.

A literatura, a partir da década de 1830, já demonstrava que o mundo caminhava para uma organização social em que não se poderia viver de sonhos e fantasias. Ela passou a ser realista, quando o universo social descrito é criticado por sua hipocrisia e por sua falta de eficiência profissional, moral etc. Naturalista, quando as sociedades, já muito urbanizadas, ganharam a literatura com seu excesso de gente, sua podridão, sua feiura etc. Nessa literatura o mundo parece feder, e o ser humano parece um bicho irracional, quase um verme misturado aos restos da própria comida. Simbolista, quando a fórmula de representar o todo através de uma parte tornou-se uma necessidade e um hábito. Essa literatura inspirava-se no modelo social de vida e costumes, nela os sentimentos e as inspirações humanas já tinham deixado de ser o tema mais importante, e a sociedade media tudo através de números e fórmulas. O Simbolismo reagiu e deu início a uma literatura de vanguarda: o hábito de estudar que se fundamentava no crescimento do papel da ciência no meio social, também chegava à arte.

Não é difícil concluir que Saussure, quando apresentou a dicotomia social língua e fala, e deu ao indivíduo o poder da ação e do movimento linguístico, de certa forma recuperou o papel do indivíduo no contexto social. Na Gramática Comparada, no período romântico, o indivíduo é de todas as formas o agente mais importante da existência e principalmente da eficiência da língua. Na

Neogramática, o papel do indivíduo é de total receptividade em relação à língua, uma vez que resta a ele somente aprendê-la, porque mudá-la está restrito à coletividade. Em Saussure, o indivíduo tem seu papel assegurado, é parte da sociedade. Mesmo sendo a mais frágil, é atuante e mantém a língua viva. Ele, como seus contemporâneos das artes, fez uma volta aos ideários individualistas do Romantismo.

Saussure viveu num estágio da evolução dessa sociedade em que o indivíduo integrava um sistema coletivo dividido em pequenas partes. Nesse contexto, o discurso era de que os anseios individuais eram sempre de grande importância dentro daquela sociedade, não para progredir individualmente, mas para progredir coletivamente. Dessa forma, qualquer atitude assumida pelo indivíduo deveria ser sempre de participação, de anulação de sentimentos individualistas e de satisfação de sentimentos individuais que fossem para o bem coletivo. Ao contrário do período monarquista totalitário e feudal, no qual só um indivíduo tinha tudo, nessa sociedade industrial e urbana o poder era predominantemente parlamentar, tanto nas repúblicas quanto nas monarquias restantes, estando, dessa forma, um pouco mais distribuído. Nas letras, a literatura do Simbolismo, predominante nesse período, constituiu-se de uma reação a essa massificação do indivíduo e de uma revalorização dos sentimentos e valores espirituais, esquecidos na literatura desde o final do Romantismo.

Saussure já teria sido produto dessa sociedade massificada e industrial, cujos valores predominantes eram os de proteção da coletividade. Sua obra foi composta num período em que as ciências já estavam metodologicamente definidas. A obra de Saussure recriou, do ponto de vista do estudo da linguagem, o Cientificismo e o Simbolismo, num

modelo linguístico em que os valores sociais, de caráter coletivo, predominavam como objetivo para evolução.

Muito obrigado por vossas linhas a propósito do que eu vos escrevia outro dia. Antes mesmo de responder às observações muito justas que fizestes, posso vos anunciar que mantenho agora a vitória sobre todo o verso. Passei dois meses a interrogar o monstro, e a só operar às cegas contra ele, mas há três dias só ando a tiros de artilharia grossa. Tudo o que escrevia sobre o metro dactílico (ou melhor espondeico) subsiste, mas agora é pela Aliteração que cheguei a ter a chave do Saturnino, mais complicado do que imaginava. Todo o fenômeno da aliteração (e também as rimas) que se observava no Saturnino é só uma parte insignificante de um fenômeno mais geral, ou melhor absolutamente total. A totalidade das sílabas de cada verso saturnino obedece a uma lei de aliteração, da primeira sílaba a última, e sem que uma só consoante — nem mesmo uma só vogal — nem mesmo uma só quantidade de vogal não seja escrupulosamente levada em consideração. O resultado é verdadeiramente surpreendente, que se chega a perguntar antes de tudo como os autores desses versos (em parte literários, como estes de Andronicus e Naevius) puderam ter tempo de se dedicar a um semelhante quebra-cabeça: pois é um verdadeiro jogo chinês o

Saturnino, fora mesmo de tudo que diga respeito à métrica. Seria necessário para mim escrever uma considerável epístola para alinhar exemplos, mas só preciso duas linhas para dizer qual é a lei... (SAUSSURE, *apud* STAROBINSKI, 1971, p. 20-21).

Se Saussure criticava o empirismo de Whitney, por certo criticava a falta de racionalismo de toda a ciência da linguagem que o antecedia. Assim, o universo científico de Saussure estava composto por uma evidente necessidade de ser prático e de responder às dificuldades da sociedade. Acima de tudo, a ciência tinha desenvolvido a tecnologia, que tinha colocado a indústria como a principal fonte econômica das sociedades e fez que o transporte fosse eficiente e veloz. A indústria fez crescer as cidades, que são sociedades complexas, em que os indivíduos são apenas *peças*.

Desse modo, Saussure, que tinha toda a tradição de estudos sobre a linguagem do século XIX a sua disposição, não poderia ver o desenvolvimento da língua e da fala de outro modo: a língua representa a sociedade, que é predominante e superior, e a fala representa o indivíduo, ativo e diminuto. O indivíduo faz a modificação da sociedade e da língua, mas é obrigado a seguir os rumos da sociedade e a se valer das imposições culturais da língua. Apesar de poder se rebelar, para não ser excluído, deve seguir as regras do convívio social. No tocante à língua, ele não tem saída: pode usá-la de um modo estilizado, mas, se não seguir suas regras, não será compreendido.

3. A metodologia e os textos

É muito importante salientar que a pesquisa que Saussure desenvolvera nos últimos vinte anos de sua carreira são os *Anagramas*, não é o que está no *CLG*. Deve-se insistir que o *CLG* nasceu das aulas dos verões de 1907 a 1911, nas quais Saussure evidentemente colocara todo seu conhecimento sobre os estudos da linguagem, planejadas como aulas para leigos. Percebe-se claramente a ação de professor organizando o sentido a ser construído na mente de seus alunos, quando ele propõe conteúdos em sequência e o uso de terminologia adequada para cada conceito, rejeitando uma e incentivando outra. Nesse quesito, o livro de Bally e Secheyay é perfeito, porque apresenta a sequência exata das aulas e dos conteúdos, desde que se considere que o único registro existente dessas aulas são os cadernos dos alunos arquivados em Genebra.

3.1. O memorial das vogais do indo-europeu: *Mémoire*

Nos textos *Mémoire sur le système primitif des voyelles des langues indo-européennes* e *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* está o melhor registro do trabalho de levantamento e de reflexão sobre dados, deixado por Saussure. É por isso que tantos teóricos ficam tão à vontade para afirmar que Ferdinand de Saussure é um grande

filólogo, mesmo que tenha ficado conhecido como linguista.¹ Certamente o sucesso de seu trabalho está relacionado com sua dedicação: rastreava muitos textos escritos sobre os temas, o que lhe possibilitava avançar sempre mais e lhe permitia pensar em encontrar dados e respostas para problemas ainda insolúveis. O trabalho metodológico de Saussure pode ser exemplificado por qualquer trecho de seus textos.

No *Mémoire*, Saussure deixou claro que nenhum dos estudiosos do assunto havia chegado a uma conclusão sobre a verdadeira condição do “a” no indo-europeu. Relatou que Franz Bopp, em 1816, em sua obra *Über das Conjugations-System der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache*, afirmara que o ariano – seção do grupo indo-europeu que se espalhou para a Mesopotâmia e para a Índia – apresentava uma uniformidade no “a”, enquanto, paralelamente, as línguas da Europa – latim, grego e alemão – mostravam três formas vocálicas: “a”, “e” e “o”. Para Bopp, as vogais “e” e “o” eram formas desenvolvidas nas línguas europeias a partir do “a” do indo-europeu. Esse fenômeno era relativamente recente, pois se caracterizava como um fenômeno das línguas ocidentais derivadas do indo-europeu.

Georges Curtius, por sua vez, uma das fontes de estudo de Saussure, enriquecera a ciência com um grande fato: que o “e” em questão aparecera nas mesmas posições em todas as línguas indo-europeias, provando, desse modo, que esse “e” não poderia ter sido desenvolvido

1 Muito difícil separar agora no século XXI quais seriam as contribuições da Filologia e da Linguística para os estudos da linguagem.

independentemente em cada uma delas. Curtius concluiu: a) que a língua-mãe dessas línguas possuía três vogais “a”, “i” e “u”; e b) que todos os povos europeus teriam vivido juntos durante certo período e que provavelmente teriam tido uma origem comum.

Obviamente Saussure sabia que esses povos falavam uma língua comum. Pela comparação com o ariano, percebeu, pela diferença nas vogais, que o período em comum dos europeus acontecera posteriormente à separação do povo ariano. Seria desconhecida a razão pela qual durante esse período em comum dos povos europeus uma parte do “a” se fragilizou em “e” e a outra parte permaneceu como “a”.

Saussure afirmou que uma segunda transformação do “a” deu origem ao “o”. Esse fenômeno aconteceu em primeiro lugar no sul da Europa, num período anterior ao greco-latino. Chegou a essa conclusão devido às características das concordâncias em “o” nos temas masculinos em “a”, daquelas línguas. Dessa forma, o sistema das vogais feito por Curtius devia ser assim representado: no indo-europeu “a” e “a”; no *europeu* “a/e” e “ā”; nas línguas posteriores “a”, “o”, “e” e “ā”.

O sistema de Jules Guillaume Fick, amigo de Saussure, assemelha-se de modo geral ao sistema de Curtius. Para Fick, o antigo “a” do indo-europeu se dividiu em duas vogais diferentes no período do europeu: “a” e “e”. Fick concluiu que, se uma vogal “e” aparecia na mesma posição em certas palavras em todas as línguas derivadas do europeu, isso era prova de que essa transformação ocorrera no período do europeu. Mas, no caso da vogal “o”, que só apareceu em algumas línguas, admitiu que o “a” original tenha permanecido intacto durante o período em que o grupo europeu permaneceu inteiro; logo, os vários grupos e

línguas que o possuem, desenvolveram-no depois da divisão do europeu.

Friedrich August Schleicher, botânico, germanista e indo-europeísta, também uma das importantes fontes de estudo Saussure, propusera a série do “a” em três termos: “a”, “aa”, “aa”. Schleicher admitia para cada série de “a” um reforço, que poderia ser de um ou dois “a”. Ele encontrou as três séries no grego, no sânscrito e também no gótico, mas as outras línguas da família, em sua opinião, teriam confundido os dois reforços. Esse sistema não foi adotado por outros estudiosos. Ele não comportava um “e” comum entre as línguas indo-europeias, o que descartaria um período comum entre esses povos. Para Saussure, o sistema de Schleicher apresentava muitas confusões e era de difícil aplicação.

Saussure relata que, num ensaio de 1871, intitulado *Die Bildung der tempusstämme durch vocalsteigerung*, Amelung, numa atitude cientificamente prematura (palavras de Saussure), tentou aplicar o sistema de Schleicher de maneira mais consequente. Combinou o sistema de Schleicher com as teorias anteriores que apresentavam um “e” para as línguas europeias. Amelung propusera que esse “e” fosse o único representante do “a” inicial que não sofrera o reforço explicado por Schleicher.

Seguindo as teorias de Curtius, o “o” não existiria nos idiomas posteriores ao europeu e dele derivados, estava pressuposto no “a”. O “a” europeu seria anterior ao primeiro reforço, que é designado por um “ā”, e o segundo reforço do europeu é o “ā̄”. Desse modo, o dualismo “e/a” era primitivo e a relação entre essas vogais era de vogal simples e vogal reforçada.

Karl Brugmann construiu um sistema de vogais para o indo-europeu contendo um “e” já distinto das outras vogais. Saussure comenta que Brugmann não pretendia afirmar que essa vogal tivesse o valor exato de um “e”. Brugmann chamava essa vogal de “a₁”, tendo encontrado para o grego, o latim e o eslavo um “o” relacionado a ela. Além dessa vogal, para o latim e o gótico encontrou um “a” e para o sânscrito um “ā”. Neste caso, um fonema mais forte que teria sua origem na acentuação e ao qual chamou de “a₂”. Dessa forma, o indo-europeu teria “a₁”, “a₂” e “a”, e o europeu “e”, “a” e “ā”. Segundo Saussure, esse não seria exatamente o que Brugmann determinara com relação às vogais do indo-europeu, uma vez que Brugmann aventava a possibilidade de um número muito maior de “a” primitivo.

Saussure concluiu, a respeito dessa série de teorias sobre as vogais, que todas afirmam, em relação às línguas ocidentais, a existência de três vogais para o europeu: “e”, “a” e “ā”. A hipótese de Saussure é de que existiriam quatro vogais diferentes, e não três. A dificuldade de compreensão do fenômeno estaria no fato de os dialetos do norte terem confundido duas dessas vogais originárias, enquanto que no sul elas permaneceram distintas: “a” em oposição ao “e”, uma vogal reforçada, e um “o”, que era, na verdade, outra forma de “e”.

Saussure concluiu a existência das quatro vogais e assumiu no início do *Mémoire* a incumbência de provar sua hipótese. Em suas palavras (p. 06) “notre tâche sera de mettre en lumière le fait qu'il s'agit en réalité de quatre termes différents, et non de trois”. Nos quatro capítulos do *Mémoire*, desenvolveu os argumentos em que apontou os exemplos e as fontes para se concluir a verdade sobre sua hipótese. A contribuição dele de que essa série de quatro “a” está na base da língua indo-europeia originária, resolveu a

questão que estava em discussão desde o início da Gramática Comparada.

Ces quatre espèces d'a que nous allons essayer de retrouver à la base du vocalisme européen, nous les poursuivrons plus haut encore, et nous arriverons à la conclusion qu'ils appartenaient déjà à la langue mère d'où sont sorties les langues de l'Orient et l'Occident (MÉMOIRE, p. 07)

3.2. O trabalho sobre o genitivo absoluto em sânscrito: *Génitif*

Ferdinand de Saussure realizou o estudo sobre o genitivo absoluto em sânscrito, sua tese de doutoramento, de um modo muito semelhante a seu trabalho no *Mémoire*. No caso do *Génitif*, a pesquisa foi justificada por ele como sendo um tema muito pouco conhecido na Europa, onde praticamente se ignoravam os estudos feitos pelos indianos sobre as línguas da Índia. A dificuldade de execução do trabalho estava na raridade de exemplos do genitivo absoluto.

Começa seu *Génitif* com uma nota bibliográfica, na qual faz um levantamento sintético das referências que estudiosos europeus haviam feito ao assunto. Segundo Stenzler, que cita Pānini, o locativo absoluto, que habitualmente indica tempo, substituiu o genitivo por uma desatenção dos falantes no processo de produção do discurso. Siecke, em seu *De genitivi in lingua sanscrita usu* [“Sobre o uso do genitivo na língua sânscrita”], reproduz Stenzler, assinalando o verso I.63 do poema épico

Rāmāyāna no qual Friedrich von Schlegel afirmara existir um genitivo absoluto.

Pischel, autor de importantes trabalhos sobre as línguas da Índia, parecia ser aquele que mais se aproximava do estabelecimento de uma exemplificação correta do genitivo absoluto em sânscrito. Friedrich August Weber (1753-1806) concluiu que essa construção é bastante comum em páli [*pāli*], mas rara em sânscrito. Saussure introduziu duas linhas de comentários para assinalar que William Dwight Whitney fizera uma pequena observação sobre o assunto em sua gramática do sânscrito. A partir desses comentários, Saussure deixou clara sua afirmação de que o assunto *genitivo absoluto* era quase inexistente nos estudos sobre o sânscrito na Europa. Em todos esses autores, a gramática de Pānini é colocada como base para o desenvolvimento do assunto.

O passo seguinte foi estabelecer a presença e a extensão do uso do genitivo absoluto em sânscrito. Não seriam encontrados exemplos desse genitivo nos textos do período védico. Hubschmann havia mencionado três casos na língua zend dos persas, que também pertencia ao ramo indo-iraniano de que o sânscrito fazia parte. Para Saussure, mesmo que o genitivo absoluto fosse possível naquela língua, esses exemplos não apresentavam nenhuma característica do genitivo absoluto indiano, pois nos estudos do zend reinava uma enorme confusão sobre o genitivo absoluto, sendo necessária muita cautela.

Em sânscrito clássico, é nas obras do gênero narrativo que podem ser encontrados mais facilmente exemplos de genitivo absoluto, sobretudo nas epopeias *Mahābhārata* e *Rāmāyana* e nos *Purāna*. A prosa do *Pañcatantra* também o admite com certa facilidade. No drama, porém, parece ter sido evitado. É nos dialetos populares, como o páli,

chamados genericamente de prácritos, que o genitivo absoluto permaneceu vivo. Em sânscrito, “a norma culta do indiano”, o genitivo absoluto passava por raridade sintática, sendo encontrado apenas num certo número de fórmulas, algumas das quais bastante comuns, sobretudo em algumas partes do *Mahābhārata* em que seriam usadas de modo abusivo.

Le génitif absolu em sanscrit passe pour une rareté syntaxique. Il serait plus exact de dire qu'on le rencontre rarement em dehors d'un certain nombre de formules, dont quelques-unes sont au contraire assez répandues (GÉNITIF , p. 6).

O genitivo absoluto em sânscrito seria uma raridade sintática. Saussure, em toda primeira parte de seu texto, descreveu os erros de classificação de seus colegas contemporâneos ou antecessores, que teriam se confundido com a fórmula do locativo, chamando-o de genitivo. Saussure analisou essa estrutura sintática pela classificação que se poderia fazer quanto ao sujeito e ao predicado. O sujeito é sempre uma pessoa, um ser inteligente e animado, podendo ser um coletivo de pessoas. O predicado quase sempre é um adjetivo ou particípio passado, preferencialmente particípios de verbos neutros. O que se pode compreender como definição, é que o genitivo absoluto marcaria uma situação dentro da qual se desenvolveria a ação principal. Gramaticalmente, equivaleria a uma proposição subordinada de natureza concessiva em que o narrador apresenta seu ponto de vista.

Saussure fez um trabalho profundamente exaustivo e meticuloso. Rastrou detalhadamente as ocorrências dessa fórmula gramatical na literatura em língua sânscrita. Esse trabalho lhe valeu muitos elogios, tanto pela grandiosidade quanto pela precisão. Acima de tudo, constitui-se num exemplo da dedicação e da depuração metodológica que lhe era peculiar.

O tema básico dos estudos linguísticos de Ferdinand de Saussure era as línguas e literaturas da antiguidade clássica. Desde seus primeiros estudos, seu tema principal sempre foi a história das línguas: todos os artigos que publicou tratam de algum tema relacionado com a origem ou com algum caso das línguas indo-europeias antigas.

Quando se consulta o material manuscrito dele, arquivado na Universidade de Genebra, percebe-se nitidamente seu campo de interesse nos estudos linguísticos e sua dedicação *obsessiva* aos estudos. Sua metodologia de pesquisa era feita da procura por detalhes exatos. É justamente essa característica que faz dele um exemplo e, acima de tudo, torna seus resultados muito confiáveis.

Na obra manuscrita em Genebra, poucas páginas (milhares) tratam de teoria linguística. Ele pesquisou o tema *teoria da linguagem* já no final de sua vida e de sua carreira, quando se tornou professor do *curso de linguística geral* da Faculdade de Letras de Genebra. Até esse período, todos os seus estudos estavam voltados para a linguística indo-europeia, visando ao entendimento do processo de evolução das línguas da Europa.

É certo que Saussure conhecia todos os estudos que foram feitos até então sobre teoria da linguagem. O trabalho de William Dwight Whitney, principalmente, servia-lhe de base para pesquisa desde sua época de estudante em

Leipzig. Além de Whitney, cita também Wilhelm von Humboldt, Franz Bopp, os irmãos Schlegel, etc.

Desse modo, melhor que qualquer outro estudioso, Saussure conhecia o que se fizera em teoria da linguagem até sua época. Além desses teóricos, conhecia o trabalho dos neogramáticos, sobretudo Whitney, e dos comparatistas, principalmente Schleicher e Franz Bopp. Esses autores, comparatistas e neogramáticos, em grande parte de seus trabalhos, estudavam a história das línguas, mas todos fizeram grandes incursões pela teorização da linguagem.

É natural, portanto, pensar que, ao ser designado para ensinar no curso de linguística geral, soubesse exatamente o que devia ensinar e que soubesse exatamente quais deveriam ser suas fontes para o desenvolvimento do curso. Durante suas aulas, pelas anotações feitas por seus alunos, sabe-se que citou todos esses nomes e em particular o *Life and Growth of Language (La Vie du Langage)* de Whitney. Whitney foi sua mais importante fonte de conhecimento sobre teoria da linguagem, no entanto, como já foi demonstrado acima, Saussure critica a base metodológica empregada por Whitney: que teria sido excessivamente empírica.

3.3. Curso de linguística geral: Curso

No tocante à teoria da linguagem, Saussure fez o que sempre fazia: levantou e interpretou todos os textos que apresentavam o tema. Mostrou também nesse estudo sua profunda e brilhante capacidade de encontrar os defeitos das teorias e alcançar um desenvolvimento para elas. Em suma, melhor do que qualquer outro estudioso, tornou claras as ideias que existiam sobre a língua e o estudo da linguagem.

Comentário de José Luiz Fiorin (2011): o que é relevante em Saussure é que ele deu coerência teórica ao que estava disperso e criou um novo objeto para a linguística e para as ciências humanas em geral.

Entretanto, não publicou em vida absolutamente nada sobre teoria da linguagem. Nem desejou fazê-lo, como sua correspondência deixa claro. Seu argumento principal é o de que as ideias de que tratava já eram conhecidas e já estariam assimiladas em sua época. Por certo, o que se pode fazer é conjecturar quanto ao que pensava Saussure, mas não se deve esquecer que ele morreu muito jovem e não teve tempo de ser verdadeiramente convencido a preparar um texto com suas ideias sobre teoria da linguagem.

Talvez não considerasse aquelas ideias como suas, ou como desconhecidas, uma vez que encontrara muitas delas em outros teóricos. Como escreveu Tulio de Mauro em sua edição crítica do *Cours de Linguistique Générale*, toda a teoria sobre a linguagem que Saussure explanou em seus cursos já estava pronta em Wilhelm von Humboldt. Segundo Eugenio Coseriu algumas teorias dos cursos de Saussure já estavam prontas nos gregos. Por isso, é possível dizer que Saussure foi um filólogo brilhante também em seu curso de linguística geral, porque recuperou e aprofundou as marcas teóricas do estruturalismo linguístico que foram fundamentais para o entendimento do processo de construção da linguagem humana no século XX.

Tudo que existe sobre o *Curso* que é atribuído a ele foi publicado depois de sua morte por seus alunos ou por discípulos de suas ideias. O primeiro texto, também o mais importante, é o *Cours de Linguistique Générale* [Curso de linguística geral], organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger e publicado em 1916. Esse texto é o mais importante porque

conseguiu transformar a obra teórica de Saussure num evento mundial. Qualquer uma das obras críticas do *Cours* traz uma pretensão de seus autores de melhorar ou corrigir essa primeira – elas só foram possíveis, entretanto, por causa da existência dessa primeira. De qualquer modo, foram feitas pelo menos quatro obras críticas do *Cours* baseadas nas anotações dos alunos arquivadas em Genebra, mas o texto de Bally e Sechehaye continua sendo o mais lido de todos.

Obviamente, qualquer estudante que se prestar a ler todos esses manuscritos, será capaz de apontar algo que tenha ficado de fora do texto de Bally e Sechehaye. No entanto, esse mesmo estudante não vai conseguir deixar de admitir que esse texto foge muito pouco, ou não foge nada, do conteúdo dessas anotações.

A obra crítica mais completa é o *Cours de Linguistique Générale – édition critique* organizada por Rudolf Engler e publicada em 1969. Nesse livro, paralelamente ao texto de Bally e Sechehaye, estão tabeladas as anotações dos alunos, inclusive as de Émile Constantin, que indubitavelmente foi quem melhor registrou as aulas do mestre.

As anotações de Émile Constantin foram acrescentadas ao acervo da Biblioteca da Universidade de Genebra depois de 1916, não tendo feito parte, portanto, do material utilizado para a elaboração do texto de Bally e Sechehaye. No entanto, pela disposição das anotações no livro de Rudolf Engler, percebe-se que não há, no texto de Bally e Sechehaye, diferenças, em relação às anotações de Émile Constantin, que possam ser consideradas como omissão ou distorção.

Em sendo Tiete, Saussure parece um portal por onde tudo devesse passar – mas, ao passarem por ele, todos os conhecimentos ganhavam em clareza e precisão, ficando prontos para serem mais desenvolvidos. Essa sensação que se tem ao tentar compreender sua obra (presente no *Mémoire* e no *Du Génitif* também), explica a importância que ele assumiu para a Linguística. Se as ideias redimensionadas por ele já estavam prontas, e realmente muitas estavam, seria somente depois da leitura e dos aperfeiçoamentos que ele fez que elas realizariam a transformação do modelo das teorias da linguagem para a forma como a humanidade as conheceu no século XX.

É impressionante o conjunto de elementos que tornou essa obra possível. Saussure materializou as ideias em suas aulas. Porém, elas ficaram dispersas em anotações, em fichas de preparação de aula, em cartas e na memória de seus alunos. O contexto do livro revela com bastante nitidez a estrutura empregada por Saussure nos cursos sobre linguística geral para introduzir e ensinar os diversos caminhos que conhecia na renovada ciência da linguagem. Dessa forma, os escritores do texto tiveram sagacidade para transpor para esse livro, não só os conceitos do professor, mas também a estrutura de seu pensamento em relação ao modelo metodológico empregado no ensino desses conceitos.

O texto revela uma lógica crescente que visa a demonstrar, a um estudante, o processo inteiro da linguagem e da pesquisa sobre a linguagem. Nas aulas, percebe-se a intenção de criar na mente do aluno um modelo de pensamento científico, tanto no sentido ideológico (a necessidade da linguagem ser estudada) quanto no sentido prático (o de ampliar o conhecimento dos alunos).

Claro está que o modelo do livro é uma consequência de sua forma de origem, ou seja, os dois principais redatores foram alunos de Saussure e partiram das próprias anotações de aula e das anotações dos colegas. Mas, por outro lado, esse modelo muito provavelmente não teria sido respeitado se o texto tivesse sido elaborado pelo próprio Saussure, ou se os redatores tivessem seguido razões próprias e não as razões daquele que consideravam seu autor. É por isso que o livro ganha em dimensão, porque, de certa forma, permite a qualquer pessoa, como que frequentar as aulas que eram ministradas em Genebra entre 1907 e 1911. Desse modo, pode não só ser conhecido o conteúdo das ideias de Saussure, mas também se pode ter uma visão de seu estilo de trabalho educativo.

Assim, qualquer professor pode se espelhar em Saussure para cumprir o programa de um curso de linguística geral, não só seguindo a estrutura lógica adotada nos pontos a serem desenvolvidos, mas também adotar o livro em si como material de trabalho e de pesquisa. Indiscutivelmente, o *Curso de Linguística Geral* é material obrigatório para qualquer estudante ou estudioso de Linguística em qualquer nível.

4. A sistematização linguística

4.1. Os temas das aulas

No Curso, é nítido que Saussure observava o conceito de ciência a partir do que acreditava ser o campo de atuação dessa ciência. Por isso, sua reflexão para a determinação do conceito e para a organização da Linguística como uma ciência requeria determinar para ela seu objeto de estudo, sua dimensão de atuação e as ciências possivelmente relacionadas a ela.

Para ele, não havia ciência sem sistematização. Abria os cursos de linguística geral construindo uma história mínima dos estudos sobre linguagem, apontando suas limitações e erros. De qualquer forma, pode-se observar naquele relato abreviado da história desses estudos que ele acreditava serem eles imprescindíveis para o estágio de desenvolvimento em que estava a nova ciência. Verdadeiramente, aquele relato, mesmo que abreviado, teve por objetivo chegar ao estabelecimento claro dos avanços técnicos alcançados desde os primeiros tempos, em função de demonstrar os métodos de trabalho aplicados.

Os três períodos dos estudos da linguagem: *Gramática Tradicional*, *Filologia* e *Gramática Comparada*, não são de forma alguma considerados por ele como períodos da Linguística, mas de ciências que antecedem o estabelecimento de seu verdadeiro objeto de estudo. Para ele somente existiria a Linguística quando esse objeto tivesse sido determinado de modo consciente.

Os filólogos começaram a fazer linguística histórica, abrindo milhares de novos caminhos interessantes para o estudo da língua, que passou a ser tratada de uma maneira muito diferente de como era vista pela *Gramática Tradicional*. De qualquer forma, mesmo sendo uma grande inovação, trazendo avanços importantes para o contexto dos estudos da linguagem, a *Filologia* não tinha ainda o espírito da Linguística.

A *Gramática Comparada*, inaugurada por Franz Bopp em 1816 com a publicação de seu *Über das Conjugations-System*, surgiu da descoberta que o Ocidente fez de que o sânscrito era um parente próximo do grego e do latim. Sem dúvida nenhuma, argumenta Saussure, foi à luz do sânscrito que Bopp reconheceu a família indo-europeia.

Outros humanistas – como William Jones em 1784 – já haviam percebido semelhanças entre o sânscrito e línguas europeias, mas o mérito de Bopp teria sido observar o parentesco entre essas línguas com uma metodologia profundamente original. Ele não as classificou com uma visão histórica e etimológica, mas entendeu a possibilidade de estudar o fato do parentesco em si mesmo. Seu mérito, portanto, não foi o de esclarecer as similaridades entre o sânscrito e as línguas clássicas ocidentais, mas o de ter reconhecido que ali, nas relações exatas que ligam uma língua a outras línguas da mesma família, havia uma matéria para estudos. O que Saussure faz entender sobre a obra de Franz Bopp é que o fenômeno da diversidade dos idiomas sobre a face do planeta fora demonstrado por Bopp como objeto digno de ser estudado por si mesmo.

Obviamente, Saussure se referia, no caso do modelo de trabalho desenvolvido por Bopp, à diferença que ele empreendeu em seu texto em relação ao de Johan Christoph Adelung – o *Mithridates der allgemeine Sprachenkunde*

[“Mithridates, Teoria geral da linguagem”], fonte básica para a Gramática Comparada –, que é uma descrição de todas as línguas conhecidas, porém, sem uma visão sistêmica e sem seguir qualquer tendência científica explicativa.

A distinção que Saussure fez entre os estudos de Adelung e de Bopp, foi baseada na sistematização científica, mais precisa em Bopp. Na verdade, Saussure observou os resultados obtidos e ressaltou que Bopp alcançou uma modificação na estrutura do já estabelecido, ou seja, ele avançou e inovou. Os avanços de Bopp foram devidos ao emprego de uma metodologia de trabalho que lhe deu a possibilidade de rever conceitos estabelecidos.

Segundo as anotações de Émile Constantin e de outros discípulos, para Saussure, depois de Bopp, fora Schleicher quem fez a melhor tentativa na direção do geral e do sistemático dentro do campo dos estudos sobre a linguagem. Salientou que o trabalho desse neogramático não abordava nenhum problema de linguística geral, tendo abordado somente o tema do indo-europeu. Reconheceu todavia que, mesmo que esse trabalho apresentasse erros, ele se constituía num marco, porque Schleicher tentou apresentar com precisão os dados de seus estudos.

Com os neogramáticos, entre 1870 e 1874, segundo Saussure, terminara o período dos estudos comparativos da linguagem: “período de experiências”. Num segundo período, aquele que pressupõe o reconhecimento do objeto de estudo, tentou-se desenvolver uma metodologia de pesquisa. Abril de 1875, em New Haven, é a data da publicação do *Life and Growth of Language: an outline of Linguistic Science* de Whitney.

O segundo tema das aulas foi a demonstração do objeto de estudo da ciência Linguística. Quanto à metodologia aplicável, Saussure insistiu na necessidade da inovação, já que considerava que a metodologia utilizada pela Filologia clássica não poderia ser aplicada à Linguística. Aventou a necessidade dos linguistas procurarem esses recursos metodológicos fora da Filologia, em outras ciências. É evidente sua compreensão de que a nova ciência devia entender as línguas como um produto do espírito humano em coletividade; logo, é por esse prisma que a metodologia da Linguística deveria ser desenvolvida.

4.2. A Linguística

Saussure afirma que a verdadeira Linguística nasceu do estudo das línguas românicas e germânicas. Ele fazia referência à determinação da língua como o objeto de estudo dos linguistas. Os romanistas, devido às condições de estudo que norteavam seus trabalhos, material em abundância e de qualidade, podiam observar com clareza o processo de evolução das línguas românicas a partir do latim e sua fixação. Fato bastante assemelhado aconteceu com os estudos dos germanistas: o protótipo das línguas germânicas podia ser facilmente determinado e era bastante conhecido através de documentos. Saussure opôs os estudos desses dois grupos aos estudos comparados dos indo-europeístas. Esses últimos baseavam seu trabalho completamente em hipóteses, que nem sempre estavam corretas e levavam a frequentes enganos.

Nessa lógica, estariam Friedrich Christian Diez (1794-1876) com sua *Gramática das línguas românicas*,

escrita entre 1836 e 1838. Depois os neogramáticos, com destaque para Whitney e seu *Life and Growth of Language* de 1875. Cabia aos neogramáticos: K. Brugmann, H. Osthoff, Hermann Paul (1846-1921) e A. Leskien, entre outros, o mérito de terem colocado em perspectiva histórica todos os resultados dos comparatistas. Esse fato metodológico foi de suma importância para a compreensão do processo de produção teórica da língua: compreendida finalmente como um produto coletivo dos grupos.

É importante constatar que Saussure não apontou nesses estudiosos a solução para a questão do verdadeiro objeto de estudo da Linguística. Lembrou a seus discípulos que os grandes problemas de linguística geral ainda não estavam solucionados. Pode-se dizer que tais problemas ainda aguardavam revisão e demonstração numa perspectiva mais exata e completa que aquela que estava sendo apontada até aquele momento.

Saussure demonstrou o papel que pretendia como verdadeiro para a ciência da língua na sociedade. Assim, pelo fato dos problemas linguísticos dizerem respeito às muitas ciências que dependem do manejo de textos, os problemas da Linguística interessavam a uma enorme gama de estudiosos que, nem sempre, estavam em contato direto com o verdadeiro objeto de estudo dela. De maneira geral, ele deixou claro que tudo o que for manifestação da língua, é espaço de estudo da Linguística.

Não se deve esquecer que o homem entra em contato com o processo da linguagem pela fala, que é o modelo da língua que foi estruturado pelo indivíduo. Desse modo, a linguagem humana é uma imensa possibilidade de materialização discursiva. Para conhecer o conjunto, depende-se da fala concreta, só ela leva à compreensão do mecanismo maior e abstrato. A primeira tarefa da

Linguística era conhecer a si mesma. Essa afirmação explicita o conceito de ciência no pensamento de Saussure: uma metodologia clara e voltada para um campo de estudo perfeitamente definido.

Para essa empreitada, a de conhecer os elementos exatos da linguística geral, a ciência Linguística deveria estudar e conhecer descritiva e historicamente todas as línguas. Está escrito no *Curso de Linguística Geral* que a Linguística deveria estudar a história de todas as famílias de línguas. Pela comparação se chegaria ao esclarecimento das regras que entram em movimento em cada uma das línguas em particular. Essa visão do conjunto mostraria o que seria comum a todas as línguas e o que caracterizaria cada uma. Evidentemente, assim seria construída uma lógica para as línguas e uma lógica para a língua. Cada língua seria caracterizada num determinado e específico espaço tipológico. No decorrer de seu curso, Saussure concretizou essa teoria, distinguindo nitidamente uma gramática das línguas e a compreensão de que cada língua é um caso particular.

A Linguística é o estudo da língua, porque essa é passível de uma definição concreta. Mas a definição de língua esbarra em diversas dificuldades que implicam numa diferenciação de pontos de vista, tornando o objeto de estudo em questão uma série de possibilidades de estudo. Para ter a língua como objeto de estudo, era preciso separar com precisão o objeto que cabia ao linguista compreender, sem o misturar com visões psicológicas, filosóficas, sociológicas etc., porque essas ciências, apesar de possuírem objetos de estudo distintos, também podiam reivindicar a língua como parte de seus objetos de estudo.

Essa proposição de Saussure faz chegar a uma composição da imagem que o estudante devia ter da língua,

que fosse um sistema de signos que expressam ideias. No entanto, o signo indica um processo simbólico que cria uma relação entre o pensamento e o espaço físico. Desse modo, inumeráveis sistemas de signos são conhecidos nas sociedades, desde a escrita até códigos mais específicos, como os símbolos militares, a linguagem gestual dos surdos-mudos etc. A língua está presente nesses códigos, é parte integrante deles, porque é o principal sistema de signos das sociedades.

Uma ciência que estudasse especificamente o código linguístico, no caso a Linguística, estaria incluída num projeto de uma ciência social muito maior, capaz de alcançar todos os limites da sociedade. Essa ciência maior se ocuparia do signo/símbolo, ou seja, de todo o processo de simbolização possível no meio social. No texto de Bally e Sechehaye, essa ciência maior, a Semiologia, está proposta como parte de uma Psicologia social e de uma Psicologia geral.

A Semiologia é proposta de Saussure de uma ciência que se ocupasse do todo semiológico existente na sociedade. A Linguística, por sua vez, como uma ciência que estuda um desses sistemas semiológicos, estaria integrada nela e dela tiraria proveito: o que fosse determinado para a Semiologia, enquanto método, valeria para a Linguística. Caberia ao linguista determinar o que faz da língua um sistema especial de signos, da mesma forma que ele propôs que os psicólogos e sociólogos determinassem o espaço da Semiologia.

A Linguística é, então, a ciência da língua, que é a forma concreta da linguagem humana. Por outro lado, a língua só existe em forma de fala. Para entender o verdadeiro projeto de estudo da ciência da língua é preciso

situar toda a Linguística – que, por esse prisma, se constitui no estudo da linguagem.

Cabe a ressalva de que Saussure adotou termos correntes na língua francesa como termos técnicos para a Linguística, por isso o termo *língua (langue)* deveria ser separado de seu uso corrente pelos falantes. Tal assertiva se estende a todos os termos técnicos adotados, como o termo fala (*parole*). A *parole* trata da manifestação discursiva, língua em uso. A escrita também se configura no mesmo processo de materialização linguística que ocorre na fala, tendo ela também o status de *parole*. Muitos enganos aconteceram, cometidos pelos linguistas pós *Curso de linguística geral*, até que esses termos tivessem sido completamente compreendidos.

Os problemas de tradução não são enfrentados somente em português. Em inglês *language* é a tradução cabível para o termo *langue* e *langage*. Frequentemente, quando se leem textos de linguística em inglês, depara-se com esse problema. É preciso também prestar atenção no uso corrente do termo linguagem na fala cotidiana em português, emprega-se esse termo para qualquer manifestação discursiva: pintura, música, sinais etc. São chamadas de linguagem, porque atendem aos requisitos básicos da linguagem humana: estruturação do pensamento em uma substância para a expressão e comunicação; a Semiótica os toma como textos e os estuda com uma metodologia semelhante ao texto verbal.

À *Linguística*, estão integradas a *linguística da fala*, a *linguística interna* e a *linguística externa* que constituem pontos de vista sobre a língua. Pertence à linguística interna o conjunto de elementos, regras e usos, que compõem o sistema de signos da língua, ou seja, que possibilitam a significação por meio de qualquer ato de fala. Faz parte da

linguística externa tudo o que não diz respeito à internalidade do sistema que esteja em uso, como os fatos históricos e geográficos, que são circunstâncias externas à língua, mas que de algum modo podem afetá-la.

Não era desconhecido de nenhum estudioso da linguagem o fato do processo de construção da fala envolver com simultaneidade elementos de ordem psíquica, o pensamento, e de ordem fisiológica, a articulação de sons. Então, se um estudo ficasse restrito ao campo exclusivo do pensamento, seria feita uma análise psicológica; se, por outro lado, se restringisse à análise da articulação dos sons, teria um estudo fonológico. A Linguística não poderia abrir mão de nenhum dos dois, mas também não poderia permanecer apenas num deles: ela se coloca no exato limite em que os dois fatores se encontram, criando o universo da língua. Bally e Sechehaye escreveram no *Curso de linguística geral que essa combinação produz uma forma, não uma substância* (1995, p. 13).

Ferdinand de Saussure procedeu em sua obra a constantes digressões em direção ao plano metodológico da ciência da língua. O que se pode inferir é que ele estivesse consciente da urgência da construção do verdadeiro campo de estudo da Linguística. Ele busca, então, acima de tudo, encontrar os diversos caminhos que aquela ciência deveria percorrer, daquele instante em diante, para realizar em definitivo a compreensão do que seria verdadeiramente a língua. Ele está criando o universo de estudos linguísticos, não no sentido de que ele nunca tivesse existido, mas no sentido de convidar a ser exato, a não ser tão empírico, a construir um processo de estudo que fosse tão concreto quanto era concreto o objeto a ser estudado. Portanto, como se disse acima, é mais real dizer que Saussure se preocupou mais com o processo de definição do objeto de estudo do

que com o objeto em si mesmo, mesmo que tenha se ocupado muito do objeto e tenha contribuído substancialmente para os estudos sobre a língua no Curso.

4.3. A Semiologia

Não existe uma ciência dos signos ainda (1907), chamá-la-emos de Semiologia (1971, p. 24). É assim que os discípulos de Saussure anotaram em seus cadernos a fala do mestre no tocante a sua conclusão sobre a importância do signo para as ciências modernas. O que pode causar uma dificuldade a mais nesse caso é o conceito que se atribui ao termo *signo*, que, pelas explicações de Saussure, falando da Semiologia, vai um pouco além do universo restrito à Linguística. A compreensão do pensamento de Saussure, quanto a uma ciência dos signos, passa pelo estudo da linguagem. É por necessidade de enquadrar a ciência da linguagem num campo de estudo que ele pensou que a sociedade inteira fazia uso sempre do recurso da sistematização por meio de signos.

A Semiologia, para ser absolutamente universal, como propôs Saussure, deve ser pensada como a ciência que estude os signos em toda a vida social. Saussure tem completa e irrestrita razão ao afirmar que a língua (a Linguística) ocuparia o principal compartimento da Semiologia, porque a língua é inteiramente feita de fatos semióticos ou semiológicos, como ficaria demonstrado no trabalho de alguns de seus sucessores. Profundamente, pela semiologia Saussure abriu caminho para o estudo de todas as manifestações da linguagem, nesse caso, o objeto seria a *parole* (discurso), ficando claro que somente a parte social

da parole pode ser estudada, o que é individual não pode ser um significante.

Qual seria então a diferença entre o signo relacionado às outras instituições da sociedade e os signos da instituição língua? Em primeiro lugar, existe uma diferença evidente entre os universos criadores dessas instituições. Todas as instituições são frutos de uma atitude do homem, agindo ele como espaço ou autor da criação. Essa atitude sempre se realiza com um propósito, de uma ou outra forma, por um único indivíduo, ou por um grupo de indivíduos. Somente a língua atinge todos os indivíduos ao mesmo tempo, por isso não pode ser controlada, nem corrigida por imposições legais. Ela ultrapassa o espaço do individual e atinge o coletivo e, por isso, as línguas caminham à revelia dos interesses individuais.

Especificamente, os significantes não se podem ser descritos como individuais nunca, porque eles sempre são compreendidos pela perspectiva da língua. A segunda pessoa do discurso somente consegue entender de um significante aquilo que esteja dado como conhecimento na língua, partilhado socialmente. Geralmente a expressão de uma individualidade através de significantes sociais, quando alcança o propósito de expressar sentidos nunca materializados, cria conhecimento novo e se torna exemplo de sabedoria e iluminação.

Exemplificando:

Os empréstimos linguísticos ocorrem pela necessidade de vocabulário não disponível na língua. Esse é um fator de arranjo linguístico extremamente produtivo para a língua e seus falantes, em nada afeta a qualidade ou a autonomia do

sistema. A língua adota os termos estrangeiros e passa a impor a eles sua estrutura morfêmica. Assim, um termo que em outra língua não possui marcação fonológica de gênero ou número, ou que possui uma marcação diferente, receberá os marcadores da língua que o adotou. Por exemplo: do inglês *show* – palavra sem marcador de gênero em inglês. Ao ser adotada em português, passou a ser masculina e é adjetivada pelo artigo *o* no singular e *os* no plural, tal qual todas as palavras masculinas do português; exemplos de empréstimos o português tem: do italiano *pizza*; do francês *abajur*; do latim *credo*; do tupi *suruba*, *aipim*; outras do inglês *internet*, *computador*, etc.

A importação, no entanto, dificilmente acontece fora do léxico. As línguas muito raramente importam estruturas sintáticas. O sistema da língua rejeita formações diferentes daquelas desenvolvidas naturalmente na origem dela. Esse processo de rejeição de formas estranhas ao sistema é tão intenso que, se um falante insistir em trocar a estrutura de uma língua por uma outra de outra língua, mesmo que pronuncie as palavras corretamente, elas nada significariam.

Por outro lado, sobre o processo de importação de palavras pela língua, qualquer discussão que esteja fora da metodologia de estudo linguístico, pela

razão do nacionalismo ou de qualquer outra, não apresenta justificativa cientificamente plausível e que mereça defesa séria.

Segundo Saussure, os signos das línguas são diferentes dos outros símbolos porque somente eles evocam diretamente as coisas. Ou seja, o sistema de signos linguísticos é colocado sempre entre o símbolo de uma instituição qualquer e o indivíduo. Desse modo, qualquer interpretação feita de um símbolo da sociedade sempre será através da língua. Até mesmo as diferenças que esses símbolos assumem em diferentes sociedades são muito mais perceptíveis pelos signos linguísticos empregados para interpretá-los em cada uma do que dentro da própria instituição que os usa.

A existência de uma ciência de signos/símbolos exigia a participação da Linguística como parte inalienável. Caberia a cada segmento científico encontrar o espaço exato de sua ciência dentro do universo desses fatores científicos. Logo, caberia ao linguista encontrar o espaço da Linguística entre os fatores semiológicos, como caberia ao psicólogo e ao sociólogo encontrar o espaço da Psicologia e da Sociologia, respectivamente. Acima de tudo, como disse Saussure, seria necessário fazer entrar a língua dentro do universo das instituições semiológicas.

5. Linguagem, língua e fala

5.1. Linguagem

No *Curso* estão claras e distintamente conceituadas a linguagem e a língua e qual a relação da fala com elas. A língua é o produto social e forma concretizada da capacidade de linguagem, que caracteriza os seres humanos. Ela é formada no interior do indivíduo e estabelecida na coletividade e é aceita por todos os participantes. O acordo linguístico entre os indivíduos é produzido pela necessidade característica de comunicação do ser humano.

A linguagem é uma habilidade inata aos seres humanos. Saussure compreende o universo da linguagem a partir da língua, que deve ser tomada como norma de todas as manifestações da linguagem, porque é o contexto real do exercício dessa capacidade. Nessa afirmação encontra-se a distinção entre a tricotomia mais básica dos conceitos da linguística saussuriana: linguagem, língua e fala. A linguagem implica, por ser uma capacidade da inteligência, conglomerar tudo o que podem ser a língua e a fala. Ela é uma instância acima das outras: é social como a língua e individual como a fala; não existe sem esses dois lados: social e individual. É multiforme porque assume todos os ângulos possíveis da manifestação simbólica por meios de signos. É física sob o ponto de vista da manifestação por significantes e fisiológica na dependência que tem dos indivíduos que a manifestam ou decodificam. É psíquica em sua existência enquanto parte da inteligência do ser humano. O mais importante é que ela não pode ser incluída nos fatos

humanos, não é de caráter educativo, não pode ser ensinada a um ser; deve estar dada como parte de sua estrutura mental. Essa última definição abre claramente uma distinção entre o conceito de língua e o conceito de linguagem.

Há sempre um papel a ser cumprido pelas partes que compõem o jogo de produção da linguagem: uma parte ativa que produz a mensagem e uma parte passiva que recebe a mensagem. A esses papéis deve-se acrescentar o sistema da língua, que permite criar associações de sentidos entre os signos do discurso. Para realizar o modelo completo de produção da linguagem é necessário enquadrar esses elementos no âmbito coletivo. Assim, os indivíduos estão unificados pela linguagem enquanto língua, que rege a organização geral como uma espécie de meio-termo, ou seja, todos os indivíduos de uma mesma coletividade reproduzirão, de modo muito aproximado, os mesmos significantes.

No indivíduo, quando ele nasce, a linguagem é a possibilidade de existência de uma parte importante de suas características. Essa sua capacidade entra em movimento a partir do contato com a língua de seus *ensinadores*, momento em que vira língua e fala. Assim, será assemelhado a seus antepassados e, por causa de sua capacidade inata, assimilará a língua/conhecimento de seu povo.

5.2. Língua

Para que haja a comunicação entre os indivíduos, devem existir parâmetros que os tornem assemelhados. O processo de convencionar os espaços físicos e intelectuais em forma de signos linguísticos permite que todos os

indivíduos participantes da sociedade se relacionem com o mundo material de uma maneira muito parecida. Essas convenções significantes estão sempre categorizadas por características que são próprias daquela sociedade e daquela língua. Nessa perspectiva sociedade e língua possuem formações que se refletem.

A língua como instituição coletiva é igual para qualquer um dos participantes de seu universo de criações significantes. Ela é um todo, logo cada um de seus falantes a possui inteira. Cada fração do grupo, que é cada indivíduo, interioriza a língua inteira, porque todos possuem os mesmos elementos linguísticos característicos, que se concretizam em formas culturais e convencionadas de antemão. No entanto, cada indivíduo é responsável pela língua que movimenta: a fala é de inteira responsabilidade dos indivíduos.

Os seres humanos realizam por meio da articulação vocal uma capacidade que estava latente, desenvolvida por meio do exercício de memorização das convenções sociais. Segunda Saussure, o processo de articulação revela que, aquilo que está dado no homem, não seria a capacidade de linguagem, como se pensava antes dele, mas a capacidade de constituir uma língua, distribuída num sistema de signos distintos, correspondentes a ideias distintas.

A importância de determinar a verdadeira natureza da produção linguística seria esclarecer o papel exercido pela língua no contexto da linguagem. Os estudos linguísticos devem ser concentrados na língua porque é através dos sistemas sociais que a capacidade de articular palavras pode ser estimulada e movimentada. É por causa desse condicionamento social que a língua é responsável pela unidade linguística praticada por uma sociedade.

Na construção do discurso atuam duas partes distintas: os fatores físicos relativos à fala e os fatores psíquicos relativos à língua. Saussure apresenta o *circuito da fala* numa rede de produção dividida em passiva e ativa. Ativa é a parte que exige a presença física voluntária dos indivíduos participantes: articulação dos sons e recepção. Passivo é o processo psíquico de associação da imagem acústica com os conceitos. Essa divisão em ativo e passivo do circuito da fala não se restringe especificamente à fala (produção oral), a escrita ou qualquer produção significativa está composta por um círculo de elementos passivo e ativo; entretanto, é na fala que esses elementos são evidenciados primeiro nos indivíduos.

O processo de associação, que é fundamentalmente desempenhado pela organização da língua enquanto sistema, evidentemente só acontece quando a organização exige a ampliação e a dedução dos conceitos. Assim sendo, a organização sistêmica da língua é perceptível completamente, quando se analisa o produto, ou seja, o discurso, porque é nesse estágio que ocorre a integração entre os participantes do ato de comunicação. É, portanto, o sistema que propicia a necessária integração entre os lados da comunicação, na medida em que nele estão as convenções da língua.

No circuito da fala estão relacionadas e correlacionadas as faculdades receptiva e coordenativa. A primeira está com o participante que recebe o discurso; a segunda está com o participante que o produz. Juntas são responsáveis pela produção do sentido; formam os marcadores que são comuns a todos os participantes. Esses marcadores são a parte social do circuito, constituem os elementos que são apreendidos nos meios coletivos e estão fora do controle dos indivíduos. O conjunto desses

elementos sociais só poderia ser conhecido se um indivíduo conseguisse abarcar todos os elementos que estão em todos os indivíduos falantes de uma língua. Trata-se de um tesouro que permanece depositado na memória dos indivíduos, formando uma organização gramatical que não está completa nem finalizada em nenhum deles.

O indivíduo não tem controle sobre a língua. Ela é social e dá conta da essência da construção linguística. O indivíduo é completamente passivo de seus elementos sistemáticos, não podendo jamais interferir propositadamente em sua organização. Por meio da análise, ele só pode fazer a classificação desses elementos e, inevitavelmente, os aceitar. Por isso, a língua é um fato completamente distinto dos elementos da fonação. Estar apto a falar não é condição para possuir a língua: ela precisa ser antes desenvolvida na mente. Esse aprendizado é um processo que nunca está finalizado e, uma vez construído, nunca será perdido, enquanto o indivíduo estiver de posse de suas faculdades psíquicas. Nesse caso, mesmo que um indivíduo, por algum fator de ordem fisiológica, seja privado da possibilidade de falar, manterá intacta sua língua, sendo capaz de entender os signos que ouve ou lê.

Por esse prisma, Saussure revelou a verdadeira natureza da língua, que se constitui num sistema de signos de natureza completamente psíquica, formada exclusivamente pela união da imagem acústica significante com o conceito significado. No momento desse encontro ela é completamente psíquica, por isso a forma desse encontro não pode ser medida, porque pode variar de um indivíduo para outro.

Por ser um fato humano, a língua se comporta como algo que se apresenta, do ponto de vista individual, acessível ao controle de qualidade. Um indivíduo está perfeitamente

em condições de melhorar seu padrão linguístico de acordo com a sistematização coletiva de prestígio. Sob esse ponto de vista, a língua não é nada mais do que um sistema de signos, semelhante aos sinais de trânsito, aos códigos particulares etc. Deve-se, no entanto, não esquecer que a língua é o sistema principal que antecede e permite todos os outros.

Nesse processo deve existir a precaução de pensar o papel da língua literária, que é produto da cultura e tende a ser uma descrição do contexto sociocultural. A principal característica da língua literária é o fato de ela estar grandemente desvinculada da fala. No entanto, não é desprezível a relação de interferência direta que pode ser estabelecida entre língua literária e língua falada. Mas é possível sem nenhuma dificuldade separar com clareza o processo evolutivo natural da língua falada das formas artificiais, como a língua escrita.

A língua é um produto herdado das gerações anteriores e jamais um falante poderia conhecê-la de outro modo. Ela é como qualquer objeto, um todo integrado em si mesmo. Por isso, segundo Saussure, não deve existir uma relação de importância entre o estudo da língua e o estudo de sua origem; não é necessário, em absoluto, conhecer a origem para entender a língua, porque ela é em cada ato instantâneo uma coisa una em si mesma. A língua, observada por esse prisma, é um estado, e todo estado de língua é sempre o produto de fatores históricos sincronizados. Cumpre-se dizer que, segundo Saussure, a língua, enquanto sistema, não muda, o que muda são seus elementos constituintes, ora latentes ora imanentes.

Cumpre mencionar o fator de transformação imposto a todas as línguas. Uma geração transmite a língua à seguinte. Porém, as divisões entre gerações não podem ser

estabelecidas, não há uma marca ou forma que indique o fim e o começo delas. Logo, são, antes de tudo, divisões temporárias que podem ser arbitradas por qualquer indivíduo que resolva estudar a língua num de seus momentos. Dessa forma, em cada uma dessas gerações estão presentes e atuantes indivíduos de todas as idades, o que garante de antemão que nenhuma transformação aconteça de maneira brusca. Além disso, dadas as características dos falantes, criador e criatura da cultura, a língua está perfeitamente adaptada a suas necessidades, ou seja, cada povo geralmente está satisfeito com a língua que recebeu de seus antepassados.

A língua, em seus elementos, tem a aparência de imobilidade, devido ao fato de ela ser um produto forjado pela coletividade: sua característica essencialmente social lhe dá uma primazia em relação à vontade do indivíduo. Por outro lado, está o tempo, que corrói as formas e possibilita as transformações. Um e outro fatos estão intrinsecamente relacionados, mas os compromissos de historicidade que são apresentados nos elementos da língua fazem com que os indivíduos, que buscam a transformação e são os agentes de liberação das formas, se mantenham de muitas maneiras presos às formas que receberam de seus antepassados, ou seja, presos à lei da tradição de transmissão de conhecimento. Para que exista língua, é preciso uma massa falante, como uma realidade instantânea. A língua, enquanto forma em evolução, sofre a ação das forças sociais.

De qualquer forma que se argumente sobre as características da língua, sempre é encontrado o ponto básico de que ela serve de intermediária entre o pensamento e o som. Ela serve de molde de adaptação de uma matéria na outra, tornando possível a exteriorização do pensamento e a interiorização do som. Numa outra imagem, a língua seria

como uma folha de papel: o pensamento seria o anverso e o som seria o verso; ou o pensamento, a substância, e a língua, a forma.

5.3. Fala

A fala é, na construção do conjunto de elementos que compõem a organização linguística humana, o elemento final e material. O indivíduo possui a capacidade de linguagem, teve a oportunidade de aprender a língua de seu povo e, no contato com os outros indivíduos em sua coletividade, em seu grupo social, materializa esse conhecimento em forma de fala. A fala é a realização voluntária do conhecimento e da interação entre os indivíduos.

No circuito da fala fica conhecido todo o processo de materialização da linguagem, suas partes físicas, fisiológicas e psíquicas. O processo de falar requer sempre dois indivíduos: um para produzir e um para receber a mensagem. No esquema do circuito da fala, estão claras a organização e a atuação dos elementos que estão sob o controle do indivíduo ou que estão fora de seu alcance. Está fora de seu alcance tudo aquilo que é de ordem social ou coletiva. Nesse processo, o indivíduo é responsável somente pela execução, ou seja, pela qualidade da produção linguística, pela originalidade da organização da mensagem e pela beleza dos elementos estilísticos, nisso costuma residir o que se denomina como individual, mesmo que seja somente aparência, já que a interação somente pode existir por aquilo que é social.

Tudo na organização linguística humana está na dependência da fala. Essa, ao mesmo tempo em que é regida

pela língua, é o impulso libertador que força os mecanismos a serem sempre diferentes. Esse procedimento contínuo é que dá à língua uma forma coletiva. De qualquer forma, o procedimento entre um ato de fala e outro nunca é o mesmo: os indivíduos se falam porque estão incluídos na mesma obra coletiva. Como fato a individualidade não pode ser revelada pela linguagem. Saussure não disse no curso e nem em nenhum outro lugar, mas o entendimento da individualidade requer mecanismos que não sejam sociais, como a língua.

A fala é um ato de vontade e de inteligência individual. Nela estão pressupostas duas partes que determinam no indivíduo sua vontade e sua inteligência na produção discursiva: o modo como seu pensamento será organizado por combinações a partir da língua e sua constituição física, ou seja, a qualidade da produção depende muito do mecanismo fisiológico de execução.

Na organização do processo de linguagem, certas partes dependem da língua e certas partes dependem da fala. A língua é necessária enquanto organização sistêmica. É ela que permite que a fala seja inteligível e produza os efeitos comunicativos. Por sua vez, a fala é livre em certas medidas e, por isso, faz a língua se atualizar, sendo necessária para que a língua se estabeleça e não morra. No entanto, apesar dessa evidente dependência que existe entre a língua e a fala, Saussure demonstrou que elas podem ser perfeitamente concebidas em separado. Pode-se estudar a língua porque é coletiva. A fala é um ato, depende inteiramente da vontade e inteligência do indivíduo, porém não pode ser estudada como individual, somente como sendo a manifestação da língua.

Não há como pensar a fala fora do contexto do tempo, porque ela é um fenômeno que está estreitamente ligado a

fenômenos físicos. Corresponde a uma sequência de formas físicas, cuja execução requer o concurso do tempo. Por ser um fenômeno físico não apresenta sucessividade; é composta por momentos concretos e estanques. Dessa forma, cada ato de fala corresponde a um estado de língua, deixando de existir no instante após ser proferido. A fala, então, é realizada sob estados de língua, e as mudanças ocorrem no contexto da língua: a fala continua a existir, do mesmo modo que sempre existiu, registrando o estado atual da língua.

A relação de interdependência torna a língua e a fala um só elemento, no qual a forma, que é a língua, não existe sem a manifestação, que é a fala. De modo que a língua existe em função da fala, e nada pode existir na língua se não estiver em uso e em experiência na fala. Esta, portanto, determina o que fica e o que sai do contexto daquela, excluindo aquilo que não mais corresponde às necessidades da sociedade – ou incluindo, quando corresponde. Em síntese, de acordo com o CLG, o indivíduo molda dentro de si a língua por meio da fala. Esta é o agente que movimenta suas entranhas e leva até ele a língua. Juntas, língua e fala, são a capacidade de linguagem em movimento.

6. Escrita

A escrita é um sistema distinto (de outros) de signos que tem por objetivo representar a língua. É uma cristalização à parte do sistema da língua – tanto que, numa consideração da língua como idioma, a representação escrita de várias línguas pode ser feita por um mesmo conjunto de sinais. Por oferecer a comodidade de ser absolutamente linear e estática, e por estar tão intimamente relacionada com a fala, a escrita já foi confundida como sendo a correta forma de manifestação de língua. Saussure usa uma imagem para representar essa substituição indevida: “é como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto” (*CURSO*, 1995, p. 34).

Deve-se ter em mente a independência da língua falada em relação à escrita. Durante muito tempo os estudiosos acreditaram que a escrita tivesse profunda interferência na evolução ou no retardamento do processo de modificação da língua. Esses conceitos não são verdadeiros: a conservação e as modificações em nada são alteradas em função da existência ou não da forma escrita numa língua. Saussure demonstrou o fato com o lituano, que só foi registrado pela escrita no século XVI e, no entanto, oferece modelos de estudo para o indo-europeu tão arcaicos quanto os textos do latim do século III a.C.

No passado, os estudiosos da linguagem não distinguiam de modo algum o alfabeto (um conjunto de grafemas) dos sons da língua (um conjunto de fonemas).

Naturalistas como Franz Bopp, Jacob Grimm e seus sucessores, não faziam qualquer distinção entre a fala e a escrita e tomavam a escrita como modelo de estudo. Isso aconteceu pelo prestígio da forma escrita, que impedia que se visse que a língua possuía uma tradição oral fixa e independente.

A vantagem da escrita em relação à fala ocorre porque a imagem gráfica impressiona por ser um objeto sólido, mais fácil de ser apreendido. Além disso, na maioria dos indivíduos, as impressões visuais são mais nítidas que as impressões acústicas. Como se isso não bastasse, a literatura intensifica muito a influência e a importância da escrita. Na verdade, parece ficar esquecido que a fala é aprendida antes da escrita.

Com relação à evolução da escrita, é notório que existe uma enorme diferença entre a condição da língua, enquanto processo em constante alteração, e a escrita, que, por ser fixa, tende a permanecer imóvel. De modo que, depois de um período mais ou menos longo de tempo, as alterações que ocorreram no contexto da língua deixam a escrita, em alguns casos, completamente desassociada da fala cotidiana, mesmo a mais culta. Em alguns casos, esse comportamento cria, como ressaltou Saussure, situações completamente absurdas. Ele exemplifica a questão com alguns casos das vogais do francês, que são escritas com um valor fonético completamente distinto em diferentes construções. Mas isso também acontece com outras línguas – como o português (vejam-se a grafia e a pronúncia do /x/ em palavras como “exame”, “enxame”, “táxi”, “excesso” etc.), e principalmente o inglês, que atualmente é escrito tal como no século XVI (e vejam-se seus /oo/ de “book”, “door”, “blood” etc.). Esse fenômeno acontece nas línguas em função de uma insistência exagerada na manutenção do

valor etimológico nas formas escritas. Esse procedimento contraria completamente a lógica de mudança das formas da língua.

A insistência no uso da etimologia na escrita não é justificável nem pelo argumento de que é para manter a forma da língua. A pronúncia de uma palavra não pode ser mantida por sua forma ortográfica: apenas o uso ao longo do tempo pode manter ou retirar partes da construção fonética de uma palavra. Por exemplo: “Brazil” já foi grafia oficial em português – e por essa razão se preservou desse modo no inglês; por outro lado, no português de Portugal a forma gráfica “facto” corresponde ao “fato” do português do Brasil. Assim, uma determinada situação fonética é a representação do estado num determinado momento da história da transformação de uma palavra. Não há qualquer forma de controle que possa ser exercida sobre essa força que impulsiona os idiomas em seu processo de reconstrução constante. A palavra é forçada a seguir as leis que estão imperiosamente em jogo no contexto da língua. Cada etapa é reflexo das etapas anteriores. A única coisa a ser considerada pelos etimologistas é sua ascendência.

Concluindo: nenhuma forma escrita é capaz de alterar ou fazer estagnar de forma significativa a língua falada. Muito raramente esse fenômeno pode ser considerado como atuante e, ainda assim, somente naqueles idiomas em que a escrita, em forma de literatura, tenha alcançado um poder de importância acima do normal. Nesse caso, então, ela pode ser ponto de referência para o povo na pronúncia diária. Esse tipo de tirania da letra, nesses idiomas muito literários, pode criar formas patológicas de pronúncia viciada em que a imagem visual sobressai em relação à forma fônica.

Esse fator é historicamente a regra da evolução geográfica das línguas no planeta, de forma que é preciso ter

cuidado ao afirmar que as infiltrações da língua literária sejam a causa de uma modificação nas características linguísticas de uma região. Muitos fatos entram em jogo no estudo de uma língua sob a visão histórica. Em geral, nesses casos, a escrita é a grande aliada do estudioso, apesar de não poder ser tomada como registro absolutamente exato da língua falada.

7. As dicotomias

7.1. Diacronia e sincronia

O tempo obriga a tomar o estudo da linguagem de dois modos. O primeiro prevê sua continuidade, chamado por Saussure de *linguística evolutiva*. Nele é estudada a ação que a língua sofre no decorrer de um longo período. O segundo, chamado de *linguística estática*, desconsidera o tempo passado. Nele é estudado o mecanismo inteiro da língua num momento determinado. Esse segundo é o modo como todos os falantes compreendem a língua, como uma organização integral e una consigo mesma.

Assim, do ponto de vista da ação do tempo, a Linguística tem dois eixos de estudo: o *eixo da simultaneidade* (estático), no qual somente o que existe num momento presente é considerado; e o *eixo das sucessões* (evolutivo), no qual uma determinada característica da língua e suas transformações são estudadas sob o ponto de vista da história. O eixo das sucessões é formado pelas diversas construções detectáveis no eixo da simultaneidade.

Ao considerar a dificuldade de distinguir entre estados sucessivos da língua, quando tomados como uma continuidade e quando tomados cada um em si mesmo, como um modelo momentâneo daquela língua, é que Saussure propõe um nome para cada situação linguística estudada. Os estudos relacionados com a linguística evolutiva seriam chamados de *diacrônicos*, e os estudos da linguística estática seriam chamados de *sincrônicos*. Desse

modo, seriam estabelecidos, desde o início, com precisão, os termos que fazem referência a essas situações.

É possível distinguir o percurso dos estudos da linguagem em períodos em que houve mais preocupação com a evolução – períodos, portanto, estritamente diacrônicos – e períodos em que houve mais dedicação à compreensão da língua como a fórmula básica da comunicação. A *Gramática Tradicional*, da era Clássica, apresentava uma preocupação sincrônica, porque visava à descrição da estrutura da língua. A *Gramática Comparada* foi basicamente um período de estudos da ordem diacrônica, porque os estudiosos comparatistas objetivavam compreender estágios mais arcaicos ou antigos das línguas.

É importante destacar a distinção feita por Saussure entre os fatos sincrônicos e os fatos diacrônicos. O fato diacrônico é um acontecimento que tem sua razão de ser em si mesmo, ou seja, seu estudo prescinde da necessidade da existência de um conceito paralelo com que ele deva ser confrontado. Na diacronia, para que exista um termo representativo de um conceito é preciso que o termo que o antecedeu na sucessão histórica tenha cedido seu lugar para a nova forma. Desse modo, os fatos sincrônicos e os fatos diacrônicos são de ordens completamente diferentes. No estudo de um fato diacrônico, não podem ser levadas em consideração as interferências sincrônicas que esse fato possa ter causado, porque fatos diacrônicos não interferem no sistema.

No entanto, se um fato, quando visto em si mesmo, numa cadeia sucessiva de fatos, não puder ser considerado como transformador do sistema, ele forçosamente terá sido consequência de uma transformação que se deu na atitude sistêmica da língua, ou seja, foi o próprio sistema que engendrou a modificação, causando pequenas

consequências. Assim, conclui-se que a língua nunca se transforma no todo, mas em pequeninas partes que criam, a cada vez, um novo fato sincrônico. O que deve ser considerado é que a língua é um mecanismo que continua em funcionamento apesar das constantes transformações que lhe são causadas. Ela funciona numa perspectiva sincrônica, com todas as partes do sistema solidárias entre si.

É possível estabelecer uma relação entre a linguística sincrônica e a linguística diacrônica porque ambas analisam a língua pelo prisma do tempo. No entanto, essas duas vertentes são bastante diferentes entre si e em sua relação com seus objetos de estudo e seus objetivos. A sincronia só pode ser estudada por uma única perspectiva: aquela dos indivíduos falantes de uma língua. Ela consiste em estar em concatenação absoluta com os atos de fala. A diacronia procura na relação do tempo com a língua os aspectos que justifiquem sua realidade, para ela não há limites que não seja o tempo. Enquanto a linguística sincrônica só tem olhos para os fatos de uma língua, a linguística diacrônica estuda o eixo temporal e não está limitada aos fatos de uma só língua. Para a diacronia existe uma sequência infinita de fatores sucessivos no tempo. Essa sequência de fatores diacrônicos/sucessivos é responsável pela diversificação de idiomas no espaço físico do planeta. Para conhecer a ordem de composição, é preciso o cuidado de olhar os idiomas nas duas direções: uma que tome o tempo em seu curso e outra que siga o tempo em seu contra curso.

As leis que caracterizam e determinam fatos diacrônicos não podem ser misturadas às leis que caracterizam fatos sincrônicos. As leis da língua, por ser ela uma instituição social, se caracterizam por serem imperativas e gerais. Na língua, lei nenhuma pode ser dada como garantia de regularidade de algum fator reinante numa

determinada parte. Essa garantia, que seria uma lei sincrônica, não funciona como expressão de uma situação vigente. Toda lei sincrônica é relativa a um estado de coisas: a definição que ela oferece desse estado é bastante precária, pois não é imperativa, apesar de ser geral. Assim, qualquer que seja o aspecto que esteja sendo abordado, do ponto de vista das leis sincrônicas, sempre existe uma ordem vigente, um princípio básico que regula a expressão dos sentimentos.

Em oposição a elas, as leis diacrônicas são sempre imperativas e supõem um fator dinâmico do qual é possível retirar um efeito. Apesar de elas serem claras, quanto a esses sentidos, Saussure expõe com reservas as leis da diacronia: ao contrário da aparência, têm, em geral, características de acidentes e são bastantes particulares em seus acontecimentos.

Não é nada difícil notar que os fatos de transformação da língua acontecem de modo isolado dentro da multiplicidade de acontecimentos do contexto. Esses acontecimentos sempre são realizados dentro do sistema: é a regularidade do sistema que cria a ilusão de que tais acontecimentos são leis. Mas, no geral, modificações fonéticas ou semânticas acontecem nas línguas e são meros acidentes de percurso: fatos isolados que nunca se estendem para além de si mesmos. Então, a Linguística volta ao ponto central de que é a construção rigorosa do sistema que faz pensar que fatos sincrônicos e diacrônicos estão sob as mesmas instâncias causativas: por certo, eles obedecem a condições muito diferentes.

Quando se compara explicitamente os fatos sincrônicos e os fatos diacrônicos: os primeiros são gerais e têm a característica de serem reguladores; razão pela qual se estendem universalmente na língua. Os segundos são imutáveis e são imposições imperativas do sistema. No

entanto, só aparecem em determinadas partes da organização linguística, nunca atingem o sistema inteiro, são meros acidentes que ocorrem em determinados pontos da língua. A conclusão é: uma lei linguística é a formulação de regras adaptadas a situações diacrônicas ou sincrônicas distintas.

Estudar uma ou outra dessas duas classes de leis linguísticas envolve considerar cada uma numa ordem diferente. A linguística sincrônica estabelece os princípios fundamentais de todo o sistema de valores e relações coexistentes. Aos estudos dessa natureza pertence tudo o que for gramática geral. Eles estão incumbidos de estados da língua ou um período de tempo, em que ocorrem as diferentes relações. Para pensar um estado de língua, é necessário considerar que a língua pode passar um século sem mudanças significativas ou que essas mudanças podem ocorrer num período de apenas alguns anos. Por outro lado, também é muito difícil de ser determinado o espaço geográfico que um determinado estado da língua ocupa. De qualquer forma, os elementos da língua, por pouco que seja, sempre se transformam, ou seja, a língua nunca permanece estática. Portanto, fazer um estudo de ordem sincrônica significa afastar pequenas transformações pouco importantes e tomar o conjunto como representante de um tempo e de um espaço determinados.

Recapitulando: no estudo diacrônico fica caracterizado que, no processo de transformação constante, a cada período, certas formas são substituídas por outras. Observa-se então uma *sucessão* de termos que garante a atualização da língua e que, quando é visualizada, mostra uma sequência de fatos registrados numa determinada parte. A construção de formas novas a cada período mostra que um estudo diacrônico está completamente fora do contexto

gramatical. Por sua vez, um estudo sincrônico é essencialmente gramatical. Num estudo diacrônico são verificadas as mudanças fonéticas e de sentido que ocorreram. Num estudo sincrônico são verificadas as consequências gerais causadas por uma transformação.

7.2. O signo: significante e significado

A língua está composta por signos linguísticos concretos de natureza essencialmente psíquica, formados de uma unidade acústica e uma unidade significativa conceitual. Na língua só existem imagens acústicas feitas de unidades de sons articulados: os fonemas. A imagem acústica, por sua vez, pode ser convertida em imagem visual: a escrita. É a característica de forma concreta do signo que permite sua fácil transformação para a escrita.

Saussure demonstra que é algo material a imagem acústica, que chega até os ouvidos dos indivíduos que recebem a mensagem; são os sons que foram articulados pelo falante. O som é uma coisa concreta, e como coisa concreta não pode chegar até o centro de processamento das informações no cérebro. Assim, o que é transportado desde os ouvidos até o cérebro são as impressões psíquicas que os sons articulados causam nos indivíduos que recebem a mensagem. Então, a imagem acústica não é material e sim psíquica. A sensação de que ela é material deve-se à necessidade que os ouvintes têm de separá-la do conceito, que é claramente psíquico. Outra razão é o fato da imagem acústica ter uma origem externa ao indivíduo, na forma de uma estrutura física, que é o som articulado. Por isso, parece inevitável concluir que o signo linguístico é sempre

composto por dois elementos de natureza completamente psíquica: a imagem acústica e o conceito.

Pode-se afirmar sem qualquer sombra de dúvida que não há possibilidade de separação entre os dois elementos do signo linguístico. Essa composição está definida no pensamento do ser humano, que não pode conceber um conceito sem reconhecê-lo imediatamente num objeto de medidas materiais, ou seja, não há concepção psíquica sem haver uma transformação, correspondente, reconhecível por sentidos externos. Logo, mesmo estando o indivíduo só pensando, na mente é feita a concretização das imagens acústicas em som articulado, o indivíduo que pensa está “ouvindo” as imagens psíquicas acústicas formuladas por sua mente. Logo, quando ocorre o pensamento, todo o circuito da fala é realizado no interior do próprio indivíduo que produz a mensagem e que só sabe qual mensagem produziu porque também é capaz de decodificá-la.

Saussure detectou um problema de terminologia relativo ao uso que era feito da palavra *signo*, por ele empregada para a combinação *conceito e imagem acústica*. Ele lembrou que o uso corrente da palavra era como designativo apenas da imagem acústica. Argumentou que, quando se usa um determinado segmento sonoro – um *signo* –, esse segmento exprime um conceito, que leva à conclusão de que a parte perceptível implica diretamente a ideia total, ou seja, a imagem acústica e o conceito. Por isso, ele propôs que o termo *signo* fosse empregado para designar a unidade completa: conceito *mais* imagem acústica. Para completar, propôs, para desfazer qualquer ambiguidade, que o termo *conceito* fosse substituído por *significado* e o composto *imagem acústica* por *significante*.

O significado está ligado ao significante. Então, quando alguém emite um som articulado (significante, um

som significante, ou melhor, “aquilo que se encarrega de fazer um signo significar”), esse som corresponde a uma convenção social relativa a uma ideia ou coisa (o significado, algo significado, ou melhor, “aquilo que o signo está encarregado de significar”). Esse significante (som articulado) estimula na mente do ouvinte o reconhecimento do significado (a ideia ou coisa referida pelo signo). O processo de relacionamento entre as duas partes do signo (o significante e o significado) é realizado por um vínculo estabelecido socialmente, que faz com que todos os falantes reconheçam essa relação, como se existisse uma combinação espontânea entre todos. Em síntese, eles são forçados, pela própria vontade ou necessidade de constituição ou preservação do grupo, a aceitar e repetir os signos tal como eles se apresentam.

A relação estabelecida entre o significante e o significado é totalmente convencional, acertada entre os falantes: não há nenhum vínculo sugestivo entre os dois lados do signo. Dizendo de outro modo, ainda: o significante é relacionado no pensamento do falante ao significado por um vínculo completamente arbitrário: não há nenhuma relação de sugestão entre a estrutura sonora e o significado. Por isso é que Saussure afirma que o signo linguístico é convencional e arbitrário. Assim, qualquer unidade significante poderia ser relacionada a qualquer significado, em nada modificando o valor do significado e nem a relação dele com a cadeia em que se insere se a convenção assim tivesse estabelecido.

Por exemplo: quando um falante do português pronuncia a oração simples “A lâmpada está acesa”, todos os seus circunstantes são capazes de entender o que ele quer dizer, porque está estabelecido linguisticamente no grupo o que significam (quer dizer: a que se referem) “lâmpada” e

“acesa”; por outro lado, supondo-se que se tivesse estabelecido, para os mesmos objetos linguísticos, respectivamente, as formas *tatatá* e *prodego*, também o conteúdo da oração “A *tatatá* está *prodego*” não seria passível de qualquer dúvida; fosse outra a convenção, nenhum falante estranharia se ouvisse “A *tatatá* está *acesa*” ou “Apague a *tatatá*”. Do mesmo modo, o fruto a que se chama “maçã” em português – e *apple* em inglês – nada tem a ver com os sons ou as letras utilizadas para a referência a ele.

Saussure não discutiu a relação entre o significante e seu referente, ou a intenção originária que criou o significante – se ele a discutiu, parece não ter sido anotada por seus discípulos. Ele não afirma e nem confirma que essas estruturas sejam de caráter sugestivo em algum caso. Ele, entretanto, explica outra questão que também implica na sugestão ou não do signo: a diferença entre o arbitrário absoluto e o arbitrário relativo.

Ele mostrou a diferença que existe entre um termo que não é direcionado em hipótese alguma para o referente ou para o significado e um termo que traz em sua concepção acústica, ou significante, a ideia da coisa ou de sua significação. Ele usou como exemplo dessas circunstâncias os numerais: logo, os numerais *vinte*, *dez*, *nove* etc. não têm, de forma alguma, em sua estrutura, a ideia da quantidade a que fazem referência, ou seja, não apresentam sugestão alguma entre o significante e o significado. No entanto, em línguas como o francês e o português, isso não pode ser dito sobre todos os numerais como *quatre-vingt* “oitenta”, *quatre-vingt-dix-huit* “noventa e oito”, *dezenove*, *dezoito*, *vinte e nove* etc., que, de acordo com sua estrutura acústica, oferecem uma análise de seu significado. Portanto, esses signos, em relação ao *vinte*, *dez*, *nove*, que são

completamente imotivados, são relativamente motivados. Também são relativamente motivados termos derivados que sejam variações num mesmo campo de significação: *vaqueiro, fruteira, cerejeira, macieira* etc.

De todas as formas que podem ser analisadas ou apontadas como formas com origem sugestionada, Saussure foi categórico quanto ao fato de que não existe sugestão absoluta. Por mais que se encontre sugestão num termo, a relação entre os termos que formam o termo derivado nunca é absolutamente igual, no resultado derivado, aos termos simples separadamente, por causa, principalmente, das mutilações que as arrumações fonéticas tendem a fazer nesse termo derivado.

Saussure não deixou dúvida de que a relação entre significante e significado fosse arbitrária, até mesmo nos casos das onomatopeias, nas quais fica difícil afastar toda e qualquer sugestão entre o significante e o objeto/referente. Nas onomatopeias, após serem materializadas em sons articulados, o significante se comporta como um estímulo acústico para o significado, exatamente como qualquer outra unidade acústica significante da língua.

Explicou que as onomatopeias verdadeiras não se caracterizam por sugestão entre o significante o significado. Na verdade, a maioria delas faz uso de estruturas sonoras já estabelecidas na língua, como o som característico da água ou do relógio: *chuáááá, tic tac tic tac* (esses não são os barulhos que a água ou o relógio fazem, mas o modo como a cultura em língua portuguesa os apresenta). Por outro lado, ao serem estabelecidas no contexto da língua, são submetidas aos processos de arrumação fonética característicos da língua. Assim, perdem algo do que lhes era característico para assumirem as características imotivadas do signo linguístico.

O sistema da língua, explicou Saussure, repousa sobre o princípio irracional da arbitrariedade do signo. No entanto, as forças da racionalidade tendem para a amenização desse caos natural do sistema linguístico. Essa inteligência cria ordem e certa regularidade em muitas das partes da língua. Desse modo, boa parte dos signos é recuperável pelo raciocínio lógico assentado nos hábitos e fórmulas da língua. Como a maior parte do sistema linguístico traz em si a estrutura que recebeu da natureza, esse mecanismo de reconstrução do sistema pela racionalidade deve ser estudado como uma diminuição ou atenuação das estruturas absolutamente arbitrárias. Essa fórmula de organizar o caos linguístico visa, certamente, a facilitar a relação com a imensa quantidade de signos possíveis da língua.

O signo é instalado no discurso como unidade concreta, material, forma física. Por isso, cada signo ocupa um espaço fixo e determinado. Logo, o significante toma espaço na construção discursiva por ter a característica de matéria, sendo realizado, desse modo, numa ordem que prevê o concurso do tempo. Esse é o espaço ocupado pelo significante: de acordo com o tempo empregado para realizá-lo. Isso equivale a dizer que dois significantes não ocupam o mesmo espaço/tempo, é necessário respeitar a forma física de cada um, porque eles sempre aparecem numa cadeia linear.

Saussure deu como exemplo a transposição da fala para a escrita. Na escrita, a linha temporal dos significantes na oralidade é substituída pela linearidade espacial. Isso demonstra o poder de organização da língua, que se vale desse aspecto também para impor suas regras na formulação da fala. Na fala, não é qualquer significante que vem na sequência de outro, mas um significante que caiba no valor significativo a ser construído. Existe uma clara imposição da

ordem vigente na língua na escolha dos signos a serem empregados na realização de uma cadeia de significados.

7.3. Eixo sintagmático e eixo paradigmático

Os dois eixos linguísticos – sintagmático e paradigmático – só podem ser discutidos sob o ponto de vista da linguística sincrônica, porque é neles que se baseia a estrutura de um estado da língua. Eles dão conta das possibilidades de relações entre os signos e as estruturas significativas instaladas no discurso.

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. (...) por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas (*CURSO*, 1995, p. 142 e 143, *passim*).

O eixo sintagmático é caracterizado pela relação do signo com o tempo, ou seja, pela impossibilidade de um falante produzir dois signos ao mesmo tempo. Esse caráter de linearidade da cadeia linguística força a estruturação dos elementos de linguagem para uma sequência obrigatória, isto é, um termo está relacionado com o precedente e isso não acontece por acaso. Essas combinações de termos, que não estão limitadas à estrutura do signo e têm a extensão

que a expressão necessitar, formam estruturas chamadas *sintagmas*. Em síntese, toda cadeia de significação, até mesmo os menores dos elementos significativos, os fonemas e os morfemas, estão caracterizados por relações sintagmáticas.

Na estruturação sintagmática do discurso, os termos se apoiam: um termo adquire significação pela relação que estabelece com o que o antecede e com o que o segue. A estruturação desses sintagmas é marcada pela característica bastante particular de valor significativo: os termos são relacionados entre si por oposição. É preciso lembrar que o signo não se caracteriza em relação a outros signos pela diferença, mas pela distinção. Do ponto de vista do valor linguístico, a oposição entre os termos de um sintagma se estabelece porque naquela cadeia linguística deve entrar aquele e não outro termo, isto é, a oposição não acontece por diferença, mas por destaque.

Os sintagmas são estruturas desenvolvidas a partir do modelo estabelecido no sistema, isto é, não poderia haver sintagma sem que houvesse, na estrutura da língua, em cada nível linguístico, um número suficiente de estruturas semelhantes entre si. Todos os sintagmas são, portanto, desenvolvidos de acordo com uma estrutura fixa, de acordo com a sistematização da língua. Nenhuma criatividade individual interfere na formulação desse elemento linguístico concreto. As estruturas sintagmáticas são atributos do caráter da língua, de suas fórmulas marcadas e concretas.

Saussure afirmou categoricamente que o sintagma não pertencia à fala, porque essa é a construção individual, e ele tem a característica de representar modelos coletivos. No entanto, reconhecia que era muito complicado separar os sintagmas como sendo de domínio absoluto da língua,

afastando completamente a interferência dos elementos da fala. Os elementos da língua e da fala concorrem e atuam simultaneamente na construção dos sintagmas. Essa regra de construção é atuante em todos os níveis sintagmáticos, desde os menores, o nível fonemático, até o frasal (BENVENISTE, 1995).

As palavras ocupam a memória dos falantes em forma de classes, o que quer dizer que todas as palavras relacionadas por alguma característica comum estão reunidas em grupos. A exemplo disso, na estruturação dos dicionários, as palavras com partes comuns são reunidas em verbetes comuns. Na memória, porém, estão reunidas por razões de ordem muito mais semântica do que estrutural, sendo que essas duas razões quase sempre coincidem. Essa categorização que agrupa formas – fonemas, morfemas ou signos – faz com que, em se conhecendo uma, muitas outras sejam a ela associadas. Saussure chamou essa categoria de associativa. Ela está na memória dos falantes, como um tesouro guardado, e é diferenciada da sintagmática porque independe da estruturação do discurso.

Uma palavra qualquer pode evocar uma gama enorme de outras palavras, estabelecendo com elas vínculos associativos muito variados. As palavras podem ser evocadas pelo sentido e pela estrutura formal, somente pela estrutura formal ou somente pelo sentido.

O sintagma, por sua vez, apresenta uma estrutura definida pelo uso no tempo e pelo número de elementos a ele relacionados. A estrutura das associações de termos não tem limites, ou seja, não há um número restrito de termos numa associação e nenhuma ordem específica que regule essas associações: elas acontecem na mente do indivíduo na lógica que para ele faz sentido. Cabe uma ressalva, no entanto, quanto às associações de ordem gramatical: os

paradigmas que formam verbos ou declinações são estruturas definidas com um número específico de associações possíveis.

Saussure afirmou que uma palavra funciona como um astro central à volta do qual gira um número enorme de palavras associadas a ela. Porém, para cada indivíduo falante de uma língua pode haver associações diferenciadas no mesmo grupo de palavras, de acordo com as experiências desse indivíduo. No entanto, as associações entre as palavras feitas na memória de um indivíduo não desfazem, em hipótese alguma, as associações feitas coletivamente na língua.

8. Valor linguístico

Sem o recurso dos signos, as ideias não seriam possíveis porque não se poderia estabelecer com clareza uma distinção entre elas. Saussure fez outra afirmação: a de que o pensamento é uma construção amorfa e indistinta. Assim, a condição para que o pensamento seja claro é a capacidade linguística humana: os sons articulados são os meios usados para dar ao pensamento uma forma clara.

O pensamento, enquanto forma psíquica, é um conjunto sem característica, formado por elementos indistintos. Nessa condição, não há modo de reconhecer qualquer lógica em sua estrutura, somente o concurso da língua coloca lógica em sua forma. Portanto, não existe ideia preexistente à língua, porque somente a língua pode criar ou dar a forma de ideias ao pensamento.

Por outro lado, os sons não são, por sua vez, fixos ou com características preestabelecidas. O som é uma matéria sem característica, que se presta a emoldurar e embalar o pensamento, dando-lhe uma característica reconhecível e moldes exatos. O som se mostra ideal na emolduração das formas do pensamento, comporta-se como uma matéria plástica, com várias partes distintas, fornecendo os recursos necessários para a construção dos significantes.

A língua, nessa visão, é uma estrutura realizada como uma formação contínua, feita de subdivisões em que dois elementos atuam direta e simultaneamente: as ideias e sua confusa estrutura de um lado e, de outro, os sons como um

magma sem uma definição precisa, oferecidos às ideias. O papel da língua, como não deixa dúvida essa descrição, é o de estar entre um e outro, pensamento e som, servindo de intermediária, condicionando e limitando um em função das limitações do outro. A língua é o agente de estruturação que amarra os sons nos pensamentos, fazendo um coincidir com o outro.

Essa é a ideia que esclarece com mais exatidão aquilo que é denominado arbitrariedade do signo. Entram na composição do signo duas porções de elementos que têm como característica básica o fato de serem amorfas e confusas. A escolha na língua dos sons que serão atribuídos à representação de determinada ideia não segue nenhum sistema de relacionamento entre as partes do signo, ou seja, a escolha das unidades acústicas para a representação de uma ideia é absolutamente arbitrária.

Apesar dessas imposições das partes integrantes dos signos, o valor que eles assumem nos contextos em que são usados é sempre relativo ao universo significativo construído naquele instante. Esse é o papel exercido pela coletividade: não há como um indivíduo criar sozinho um universo de valores, entretanto, a coletividade por si só já é um sistema de valor.

O melhor caminho a ser seguido para estudar e entender o sistema linguístico é partir do geral/total e nele encontrar os elementos que, com menor proporção, compõem o todo. O objetivo da mensagem está acima dos limites das pequenas partes: o significado do todo não é estabelecido pela soma das partes isoladas, mas é a relação entre elas que cria um valor a ser compreendido.

O valor linguístico constitui um dos elementos da significação, é parte integrante da significação que nasce

através dela. Para compreender o valor de uma palavra, deve-se partir de sua capacidade de representar uma ideia. É preciso, no entanto, ter cuidado de entender a diferença entre a significação e o valor linguístico.

A significação de um signo se constitui na relação que suas partes (significante e significado) estabelecem entre si. O processo de significação acontece entre a imagem auditiva e o conceito; isso equivale à significação que se estabelece pela relação que o indivíduo tem com o conceito vinculado ao significante. Portanto, o processo de significação de um signo é de característica puramente psicológica, muito mais complexa que a simples relação entre significante e significado.

O valor de um signo, apesar de poder ser confundido com sua significação, resulta da relação entre os diversos signos numa circunstância concreta de discurso, em que estejam atuando o sistema e suas concretizações. Em outras palavras, resulta da definição que a porção do enunciado recebe de outras porções do mesmo enunciado. Dessa forma, o valor linguístico de um signo pode variar infinitamente, mesmo analisado fora do contexto/conceito de significação. O valor linguístico fica fora do elemento de significação do signo porque em todos os contextos é possível ter o mesmo valor significativo através de diferentes signos. Não que esses signos sejam de significação igual, nem precisam ser, mas um elemento, que determina o contexto geral, permite seus usos.

Assim definido, Saussure explicou que o valor é algo que pode ser medido pela semelhança entre coisas ou pela diferença. Pela semelhança, o valor que esteja em questão equivale a certa medida numa coisa diferente com a qual possa ser trocada. Em valores mais exatos, como dinheiro, uma moeda equivale a uma quantidade de comida. Pela

diferença, o valor pode ser considerado por aquilo que ele não é: em não sendo algo de certo valor, será um outro valor, diferente, por assim dizer. Assim, um signo está revestido de um valor que pode ser determinado dentro do sistema e de uma significação que regula sua presença no contexto sincrônico da estrutura. Como se pode notar, o valor de um signo só pode ser determinado por aquilo que o rodeia – não só os outros signos, mas também o uso que é feito dele nas diversas circunstâncias em que poder ser utilizado.

Desse modo, as traduções de textos sofrem a interferência do valor linguístico dos elementos da língua de origem. Um valor linguístico numa língua dificilmente corresponde aos de outra língua. Situações semelhantes estão por toda parte dos estudos linguísticos. A constatação dessa correspondência inexata entre termos de línguas diferentes pode ser aplicada a qualquer construção linguística, inclusive nos termos técnicos das gramáticas normativas, que nem sempre apresentam boa correspondência entre as línguas.

O valor de um signo que em geral é considerado como equivalendo a um conceito, é distinguível, portanto, não por seu conteúdo, mas por aquilo que pode ser extraído da comparação com outros elementos do mesmo sistema. Ele é aquilo que os outros não poderiam ser. Desse modo, o valor de um elemento está determinado por outros elementos diferentes. Esses elementos criam a significação – de forma que não se poderia conhecer a significação do signo sem seus diversos valores possíveis.

Quando se fala dos sons da palavra, o procedimento que o sistema adota para atribuir valor ao signo é o mesmo que caracteriza esse processo em relação ao conceito. O som que constitui uma palavra vale por si só. A construção

sonora de uma língua é feita de sons que são identificados pela comparação com outros sons, isto é, são as diferenças fônicas entre as palavras que permitem distingui-las de todas as outras. Além disso, em nada importa para a significação a matéria de que sejam feitos os signos. Não se pode pensar que os sons sejam partes da língua em si, a matéria usada para a realização de um sistema de signos é secundária e não pode ser confundida com o valor que esteja sendo veiculado.

Assim, segundo Saussure, conclui-se que o valor linguístico, em qualquer nível, apresenta a fórmula simples de estabelecer sua identidade perante todos os outros valores do mesmo sistema. O significante linguístico marca com precisão essa característica: ele não é aquilo que pode ser percebido pela matéria, mas pelas diferenças que o identificam em relação a todos os outros significantes. Essas características são verdadeiras em se tratando de qualquer sistema de signos e podem ser observadas com absoluta clareza na fala e na escrita.

9. Mudanças fonéticas

As mudanças fonéticas que ocorrem na fala como erros acidentais, são comparáveis aos erros acidentais que os músicos de uma orquestra cometem na execução de uma partitura. Eles, isoladamente, em nada comprometem o sistema inteiro da peça musical. No contexto da fala, seriam pequenas falhas, que vão ocorrendo na execução diária do sistema da língua e que não o comprometem em nada. É óbvio que, nesse caso, trata-se de uma análise do sistema sob o ângulo da sincronia, ou seja, o sistema em funcionamento naquele momento da língua. Nesse caso, o de mudanças sincrônicas, uma mudança fonética não afeta em nada o sistema. Entretanto, Saussure disse que mudanças fonéticas devem ser estudadas diacronicamente, porque se sabe que elas atuam de modo determinante nos rumos que a língua tende a seguir.

Segundo Saussure, as transformações fonéticas são sempre resultados de uma lei que em determinado momento entrou em ação no sistema e atingiu todas as palavras que estavam sob sua regularidade. Essa situação é sempre resultado de uma ordem qualquer de fatores: analogia entre as palavras ou mesmo um acidente envolvendo certo número de falantes de uma região. De qualquer forma, isso se espalha como uma onda que atua como uma realidade dentro do sistema. O sistema continua a existir, mas é executado num determinado ponto de sua amplitude de um modo ligeiramente diferenciado.

Deve estar claro que, no pensamento de Saussure, não existia imobilidade na língua. Ele faz comparações entre o processo da língua e um rio: o modo como esse rio prossegue em seu caminho é bastante secundário, o que de fato importa é que ele não pode ser interrompido. Dessa forma, como pensou Saussure, a língua está sempre em constante atualização: cada período corresponde mais ou menos a uma transformação em seu contexto.

As mudanças fonéticas são consideradas no interior da língua como fatos secundários à existência dela, porque as mudanças fonéticas não atingem diretamente o contexto sincrônico do sistema. Esse fato acontece porque as mudanças nunca afetam as palavras em si, mas os sons de que as palavras são feitas. Desse modo, as transformações num tipo de fonema, que sejam estendidas para todas as construções da categoria de palavras, só podem ser percebidas ao longo da existência da língua, ou seja, diacronicamente.

Saussure enquadrou os fenômenos das mudanças fonéticas em dois tipos: aqueles que acontecem de modo *espontâneo* e aqueles que acontecem de modo *combinatório*. Os primeiros são derivados de situações fonéticas em que a articulação ocorre de modo a transformar um som em outro. Esse fenômeno é bastante comum e em geral é a causa das primeiras transformações nas palavras. O segundo tipo é produzido por uma série de acidentes sonoros ou pela junção de sons, ou seja, as transformações do modo combinatório são produzidas pela combinação de sons.

As causas dessas mudanças fonéticas não podem ser determinadas com facilidade. Antes de Saussure, muito já havia sido pesquisado sobre o assunto e várias soluções haviam sido apresentadas para certas situações – mas, no

geral, elas resolviam apenas um certo número de casos e não podiam ser aplicadas a outros tantos casos similares. Então, situações como educação fonética na infância, influência de certo grupo linguístico, ação da língua literária, lei do menor esforço etc., formam um conjunto de explicações ou elementos que, após um período variável ou alteração na situação social, contribuía para a evolução ou estagnação da fórmula fonética da língua. As mudanças fonéticas nunca seguem um padrão específico: acontecem pela ação de forças de ordem social ou psíquico-fisiológica que atuam num ponto do sistema, modificando certos elementos na fonação da língua.

Os fenômenos fonéticos atingem qualquer classe de palavra, porque atingem os sons e não as palavras e, normalmente, em função dessa característica, trazem profundas perturbações a toda a gramática. Porém, não há uma relação entre o fenômeno fonético e o gramatical, porque, se houvesse, esses fenômenos teriam consequências sincrônicas. De qualquer forma, a atuação das transformações no contexto da língua frequentemente causa a separação gramatical de termos com afinidades. Por exemplo, a separação gramatical pode confundir a derivação de um termo a ponto do fenômeno não ser mais reconhecido.

As mudanças fonéticas são fatos relativos à linguística diacrônica. Elas são condicionamentos que a língua cria para se manter atualizada com o movimento social. São consequências da fórmula linguística humana, próprias do sistema de construção da comunicação e do sistema psicológico dos seres humanos, que apresentam uma tendência à atualização dos elementos em todas as instâncias. No contexto da língua, esse fenômeno acontece por força da maneira pela qual a língua é imposta à

sociedade, ou seja, através dos indivíduos, que são primordialmente os causadores das modificações fonéticas. Mais que seus causadores, os indivíduos são os atualizadores dos elementos latentes do sistema da língua.

CONCLUSÃO

1911 é o ponto final de sua carreira; apesar dos cinquenta e quatro anos apenas, Ferdinand de Saussure estava muito doente dos olhos (praticamente cego) e profundamente debilitado por causa do ópio e da bebida. Sua carreira teve três momentos específicos: o período de estudante, época que produziu o *Mémoire* e *Du Génitif*; um longo período como professor de sânscrito e filologia, primeiro em Paris e depois em Genebra, que corresponde à produção dos *Anagramas*; e um terceiro período, paralelo ao segundo, que vai de 1907 a 1911, quando ensinou também linguística geral. Ficou famoso logo no início da carreira com o *Mémoire* e depois se dedicou a ensinar. Paralelamente às funções de professor, pesquisava a literatura greco-latina e sânscrita (os *Anagramas*).

Saussure é chamado de *o pai da Linguística moderna* porque deixou claro o modelo teórico que devia ser praticado nos estudos sobre a língua. Seu trabalho, tanto como filólogo comparatista e neogramático do indoeuropeu, quanto como linguista geral e nos *Anagramas*, deve ser medido por sua necessidade de ser exato. Dessa forma, toda sua obra prima pela exaustiva pesquisa bibliográfica, pela exaustiva demonstração concreta em exemplos e modelos simbólicos e também por uma procura constante pelo detalhe que faltava. Sua obra alcançou notoriedade por aquilo que ele não deixou escrito, suas últimas aulas. É quase incrível quando se pensa os detalhes do surgimento do livro *CLG*: fruto de todas as reflexões sobre linguagem que

ele havia assimilado e exercitado durante toda sua vida. Não devemos desconsiderar sua genialidade, provada ainda na primeira juventude com o *Mémoire* e *Du Génitif*, e o acúmulo de informações de uma vida inteira, por isso o grande valor contudístico das aulas do Curso. Esse conjunto e mais sua morte precoce levariam seus alunos a propor a publicação de suas aulas.

Muitos são os questionamentos quanto à fidelidade ou à precisão do *CLG* aos pensamentos de Saussure. A obra *CLG* é especial porque revelou o pensamento sobre pesquisa e metodologia, língua e linguagem, exercitado por Saussure. A fidelidade enunciativa a esse pensamento certamente ficará desconhecida. Duas ideias precisam ficar destas últimas reflexões: primeira, ninguém que vier a ler os manuscritos existentes em Genebra vai encontrar distanciamento entre os textos ali arquivados e o *CLG* e, segunda, o *CLG* é um fato e não há como desconstruir sua contribuição às ciências.

A metodologia apresentada no Curso de Linguística Geral reorganizou os estudos das ciências da linguagem; e o livro *CLG* mudou a perspectiva do mundo olhar o objeto de estudo da *Linguística*. As obras antecedentes tentavam entender o objeto se integrando nele, para observá-lo por dentro. Nela, entretanto, criam-se nomes arbitrários para os fenômenos da língua: estuda-a tal qual um objeto manuseável e a observa como um espectador. O *CLG* transformou metodologicamente o universo dos estudos sobre a linguagem, porque estudou um objeto definido, dividindo todo o conteúdo a ser estudado em vários objetos e se aplicou em um. Com isso, abriu caminho para muitas subdivisões desse conteúdo e, por isso, criou um novo modo científico de ver o objeto e reprogramou o conhecimento existente.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1978.

ARNAULD E LANCELOT. *Gramática de Port-Royal*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. Paris, Presses Uni-versitaires de France, s.d.

BAKHTIM, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral I e II*. Campinas, Pontes, 1995. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.

Burke, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo, UNESP, 1992.

CONDILLAC. É. Bonnot de. *Textos escolhidos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1986.

CONSTANTIN, Émile. *Anotações manuscritas das aulas de Saussure*. Genebra, Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3972.

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

----- *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1979. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

----- *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.

----- *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/ EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

DARTON, Robert. *O lado oculto da Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. Trad. de Denise Bottmann.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo, Martins Fontes, 1995. Trad. de Paulo Neves.

GREIMAS, A. Julien. *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix, 1971.

HJELMSLEV, Louis T. *Prolegômenos*. São Paulo, Cultrix, 2003.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas – Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular*. Barcelona, Anagrama, 1972 [1818]. Trad. de Carmen Artal.

----- *La tache de l'historien*. Paris, Septentrion, 1985 [1821].

----- *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona, Anthropos, 1990 [1836]. Trad. y prólogo de Ana Agud.

KOERNER, Konrad. *Toward a Historiography of Linguistics*. Amsterdam, John Benjamins B. V., 1978.

----- “Questões que persistem em historiografia lingüística”. In: Revista ANPOLL/1996, v. 2, pp. 45-70.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo, Cultrix, 1995.

LOCKE, J. *Ensaio sobre o entendimento*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1986.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo, Civitá, 1983.

MILANI, Sebastião Elias. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Linguística*. Tese/USP/2000, mimeo, inédito.

PLATÃO. *Diálogos: Teeteto – Crátilo*. Belém, UFPA, 1973.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly & Albert Secheyaye et avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris, Payot, 1931 [1^a ed. 1916].

----- *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 1995 [1971], 18^a ed. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

----- *Cours de linguistique générale. Édition critique par Rudolf Engler*. Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968, tomo 1.

----- *Cours de linguistique générale. Édition critique par Tulio de Mauro*. Paris, Payot, 1972.

----- *Troisième Cours de linguistique générale, d'après le cahier d'Émile Constantin*. Edited and translated by Eisuke Komatsu & Roy Harris. Tokio, Pergamon, 1993.

----- *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*. Genève, Jules-Guillaume Fick, 1881.

----- *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Genève, Société Anonyme des Éditions Sonor, 1922.

----- Anotações manuscritas sobre linguística geral. Genebra, Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3951, 3952, 3953, 3954, 3957, 3970 e 3974.

SCHLEICHER, August. *Les Langues de l'Europe moderne*. Paris, Garnier, 1852.

STAROBINSKI, Jean. *Les Mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris, Gallimard, 1971.

STAUB, Augustinus. *Hermann Paul, F. de Saussure e K. Buhler na linguística moderna*. Brasília, Thesaurus, 1981.

WHITNEY, William Dwight. *La Vie du langage*. Paris, Germer Baillière, 1880.

----- *Sanskrit Grammar*. Delhi, Motilal Banarsidass, 1977.



Barra Livros